

VILA RICA CINEMATOGRAFICA LTDA.

APRESENTA

O ALEIJADINHO

PAIXÃO, GLÓRIA E SUPLÍCIO

ROTEIRO DE GERALDO E RENATO SANTOS PEREIRA

REDAÇÃO FINAL DE GERALDO SANTOS PEREIRA

ROTEIRO COM ANOTAÇÕES
DE IZUI MOURÃO

Junho, 1999

BELO HORIZONTE

1999

CÓPIA Roteiro (comentado)
1/5

O ALEIJADINHO

ROTEIRO TÉCNICO

TERMINOLOGIA TÉCNICA

P.P.P.	Primeiríssimo Plano
P.P.	Primeiro Plano
P.A.	Plano Americano
P.M.	Plano Médio
P.G.	Plano Geral
G.P.G.	Grande Plano Geral
"TRAVELLING"	Câmera instalada em carrinho
TRAV.-AVANTE	Carrinho para a frente
TRAV.-ATRÁS	Carrinho para trás
TRAV.-LATERAL	Carrinho para o lado
TRAV.-CIRCULAR	Carrinho em curva
CARRINHO	Veículo com câmera sobre rodas
PAN-E-D	Panorâmica Esquerda-Direita
PAN-D-E	Panorâmica Direita-Esquerda
PAN-A-B	Panorâmica do alto para baixo
PAN-B-A	Panorâmica de baixo para alto
"PLONGÉE"	Câmera do alto para baixo
"CONTRE-PLONGÉE"	Câmera de baixo para alto
"RACCORD"	Movimento que se completa
"FLASH"	Plano de curta duração
BG	"Background": segundo plano sonoro
FADE	Escurecimento
FADE-IN - FADE-OUT	Imagem escurece e clareia
FUSÃO	Imagens que se misturam
"STEADYCAM"	Equipamento para movimentação livre da câmera

O ALEIJADINHO

ROTEIRO TÉCNICO PRELIMINAR

SEQÜÊNCIA ESPECIAL DE ABERTURA E CRÉDITOS

EXTERIORES DIVERSOS – OURO PRETO – MANHÃ

1. Ouro Preto vista em Grande Plano Geral (de helicóptero ou do alto de uma montanha) focalizando, próximo, o Pico do Itacolomi e, distante, a cidade envolta em neblina que, lentamente, se dissolve, fazendo surgir o casario, as igrejas e, sobreimpresso, o primeiro crédito do filme:

OURO PRETO, 1858

SOM - Bater distante de sinos.

CORTA DIRETO PARA

EXTERIOR – SÍTIO DO PROFESSOR BRETAS – MANHÃ

2. DETALHES de pernas e pés de um homem idoso, calçando boninas de época. Câmera, em Pan-B-A, revela o rosto sisudo, mas simpático, do professor Rodrigo José Ferreira Bretas, de óculos, cabelos brancos, chapéu e roupa de época. Caminha sem pressa, com uma bengala de junco, deixando bem cedo, o pequeno sítio onde reside, nas imediações de Ouro Preto. É um velho sítio, de arquitetura colonial, cercado por frondosas árvores e jardins. O professor avança por um caminho de terra e, mais adiante, aproxima-se de um riacho.

OBSERVAÇÃO: Durante toda esta Seqüência de Abertura só serão ouvidos, na trilha sonora, ruídos ambientais (sinos, cavaleiros, carroças e veículos de transporte, gritos de crianças e outros ruídos típicos de cidade do interior no século XIX).

SOM - Ruído de passos e, em
bg. de sinos de igrejas.

EXTERIOR – RIACHO TRIPUÍ – OURO PRETO - MANHÃ

3. Câmera agora enquadra o professor Bretas muito próximo do riacho, que ele observa, pensativo.
4. Depois de fixá-lo em primeiro-plano, observando o riacho, seu rosto mistura-se com imagens obtidas com efeitos especiais, através da reprodução de gravuras de época e filmagem ao vivo dos primeiros bandeirantes que, com suas velhas bateias, colhem no Tripuí, à sombra do Itacolomi, nos últimos anos do século XVII, o precioso metal que, por sua coloração mais escura, acabou sendo chamado de *ouro preto*.
Estas imagens, de evidente sentido alegórico, significam as primeiras reminiscências históricas e cronológicas da descoberta do ouro e a fundação da antiga Vila Rica, atual cidade de Ouro Preto, visualizadas na imaginação do professor Rodrigo Bretas.

OBSERVAÇÃO: *Os créditos do filme irão gradativamente surgindo na tela, durante a caminhada do professor Bertas e as reminiscências despertadas pelos pontos da cidade por onde irá passar.*

SOM - Ruídos ambientais.

EXTERIOR E INTERIOR – MINA DE OURO – DIA

5. Bretas agora se aproxima da boca de uma velha mina de ouro, no caminho que leva a Mariana. Ele diminui os passos e observa a mina abandonada, surgindo novas imagens com efeitos especiais, através de gravuras de época e imagens ao vivo, assim relacionadas:
 - a) - As primeiras imagens, com efeitos especiais e manipulação técnica de computador, serão retiradas de desenhos e gravuras (inclusive de Rugendas) mostrando escravos africanos trazidos ao Brasil em navios negreiros, amontoados em seus infectos porões;
 - b) Fundindo-se com as imagens de gravuras, surgirão planos ao vivo, também distorcidos por efeitos especiais, fixando negros escravos entregues ao brutal trabalho no interior das minas (Mina da Encardideira e Mina da

Passagem, em Mariana), extraindo o ouro primário de veio normalmente de quartz, arrancado dos blocos de pedra, moído no “moinho californiano”, tocado a água;

c) - Guardas armados e fiscais da Coroa observam os escravos, o corpo banhado em suor, entregues ao duro trabalho de extração e separação do quinto (20% do ouro retirado).

Serão imagens de forte dramaticidade e efeito visual, destacando a exploração humana, a ganância e brutalidade dos colonizadores portugueses.

SOM - Ruídos fortes, também distorcidos, de picaretas golpeando as paredes das galerias das minas.

EXTERIOR – RUA ANTIGA DE OURO PRETO - DIA

6. O professor Bretas caminha agora por uma rua nas imediações de Ouro Preto. Alguns transeuntes, com roupa de época, passam e o cumprimentam, tirando o chapéu. Mais adiante vem vindo um guarda português armado, a cavalo, conduzindo um escravo fujão, as mãos amarradas, seguindo à frente. Bretas, com expressão grave, observa a cena cruel e apressa o passo, dobrando uma esquina, mais adiante.

EXTERIOR – MORRO DA QUEIMADA - MANHÃ

7. Rodrigo Bretas agora se aproxima das ruínas do Morro da Queimada, nas imediações de Ouro Preto. É uma paisagem desoladora, com os restos calcinados das casas dos antigos mineradores, destruídas pelo incêndio ateadado pelas autoridades portuguesas. Bretas diminui o passo e observa os restos da trágica revolta comandada por Pascoal da Silva e Felipe dos Santos. Novos efeitos especiais se processarão sobre as imagens do Morro da Queimada, fixando gravuras e cenas ao vivo, inclusive o suplício de Felipe dos Santos, enforcado e preso na cauda de um cavalo que sai em disparada pelas ruas de Vila Rica, além do incêndio de uma das casas, que poderá se mutiplicar através de trucagens em computador.

Esta subsequência terminará quando o professor Bretas acelerar o passo, afastando-se do Morro da Queimada.

EXTERIOR – CHAFARIZ DE MARÍLIA – MANHÃ

10. Bretas aproxima-se agora do chafariz de Marília, próximo da casa onde residiu Marília de Dirceu, o grande amor de Tomaz Antônio Gonzaga. As reminiscências do professor agora convergem para o grande e dramático episódio da Inconfidência Mineira. E, novamente, gravuras de época mostrarão, com efeitos especiais, alguns dos principais personagens da Conjuração ocorrida em Vila Rica em fins do século XVIII, com ênfase para Tomaz Antônio Gonzaga e Maria Dorotéia, a celebrada Marília de Dirceu. Artistas, com trajes de época, representando Gonzaga e Marília, também surgirão na subsequência, aproximando-se do chafariz, bebendo água e, depois, sentando-se sobre um banco de pedra. Bretas, em seguida, afasta-se do famoso chafariz e começa a subir e íngreme ladeira do Vira-Saia, caminho tradicional para a Igreja de Santa Efigênia. Esta lenta caminhada será documentada em planos e ângulos de diferentes enquadramentos, próximos ou afastados, enfatizando a beleza da rua e a visão da cidade vista do alto.

ALTO DA CRUZ – IGREJA DE SANTA EFIGÊNIA – MANHÃ

11. A nova etapa da caminhada do professor Bretas leva-nos ao Alto da Cruz e da Igreja de Santa Efigênia, cuja portada foi esculpida pelo Alejadinho. E é Antônio Francisco Lisboa quem povoa agora a imaginação do professor Rodrigo Bretas que, através de gravuras e filmagens ao vivo, recorda a figura do grande artista, seja trabalhando a pedra-sabão, seja desbastando a madeira. As imagens memorizadas pelo professor também se misturam com gravuras mostrando Chico-Rei com sua corte de negros alforriados subindo, dançando e cantando, a escadaria da bela igreja.

SOM – Ruídos de instrumentos de escultura, misturando-se com soar de sinos e cantos do Reisado em língua africana.

EXTERIORES - RUAS E VIELAS AFASTADAS – MANHÃ

12. A nova subsequência fixará o professor Rodrigo Bretas afastando-se do Alto da Cruz e da Igreja de Santa Efigênia. Ele caminha por becos e vielas nas cercanias de Ouro Preto, aproximando-se da humilde casinha onde reside a nora do Aleijadinho, a parteira Joana Lopes.

EXTERIOR – CASA DE JOANA LOPES – OURO PRETO - DIA

Câmera detalha a chegada de Bretas à casa da nora do Aleijadinho, encerrando sua caminhada.

É uma casa maltratada pelo tempo, com várias janelas, situada numa esquina, de onde se avista, distante, o casario de Ouro Preto.

O último crédito do filme (PRODUÇÃO E DIREÇÃO DE GERALDO SANTOS PEREIRA), será sobreimpresso na imagem de Bretas aproximando-se da casa de Joana Lopes.

Neste ponto encerra-se a Seqüência Especial de Abertura e tem início a

SEQÜÊNCIA 1

EXTERIOR – CASA DE JOANA LOPES – OURO PRETO – DIA

13. P.P. de Rodrigo Bretas chegando e batendo à porta da casa da parteira Joana Lopes.

Bate uma, duas vezes, e espera. Câmera se aproxima, em travelling.

Logo depois abre-se uma janela, deixando ver a figura de uma velha, parida, cabelos brancos, o olhar melancólico e indagativo.

Aparenta ter seus oitenta anos, bem vividos. Pele curtida de sol, cortada de fortes rugas.

É a parteira Joana Lopes, nora do Aleijadinho. Bretas tira o chapéu e diz:

BRETAS: Bom dia, dona Joana. Como passou?

JOANA LOPES: Como Deus é servido. Não quer entrar?

BRETAS: Mas antes quero me apresentar.

JOANA LOPES: Sem precisão, não siô. Vosmecê não é o siô Rodrigo Bretas, do colégio dos meninos?

BRETAS: Sou sim, dona Joana...

JOANA LOPES: Todo mundo conhece o siô na cidade. Mas, por favor, vou abrir a porta pro siô entrar.

BRETAS: Obrigado, dona Joana. Vim aqui pra ter um dedo de prosa com a senhora, se não for incômodo.

JOANA LOPES: Incômodo nenhum, siô Bretas.

Joana deixa a janela e vai abrir a porta de entrada, dizendo amavelmente:

JOANA LOPES: Entre, entre. Mas não repare. É casa de pobre.

Bretas, chapéu à mão, entra na casinha, que é fechada, rangendo nos gon-
zos velhíssimos.

INTERIOR – CASA DE JOANA LOPES – OURO PRETO – DIA

14. Câmera desvenda a sala singela da casa da parteira. Poucos móveis, de época, rústicos. Mesa de jantar bastante antiga, da época colonial, ladeada de bancos de madeira.
Oratório bem típico das moradias de Minas, com a imagem de São Benedito.
Câmera detalha o descrito e, sem mais delonga, vai para detalhe das mãos de Joana Lopes servindo café ao visitante.
CORTE DIRETO para P.A. de Bretas sentado numa extremidade da mesa, apanhando a canequinha de latão de cor esverdeada.
Toma um rápido gole da bebida.

SOM: Ruídos ambientais e de sino de igreja em bg.

Rodrigo Bretas sorve novo gole do café e deposita a canequinha sobre a mesa de refeições, bem em frente da dona da casa, vista sentada no outro banco, calada, aguardando o que o professor vai dizer.
Bretas inicia sua fala, enquanto a câmera avança lentamente sobre seu rosto:

BRETAS: Dona Joana, vim aqui para lhe pedir que me fale de seu finado sogro, mestre Antônio Francisco Lisboa. Admiro muito sua obra, mas pouco sei sobre sua vida, sua família, seus hábitos, seus amigos, essas coisas...

15. Em novo enquadramento, câmera focaliza Bretas em 3/4 de perfil, mais para a direita, e Joana Lopes de frente, à esquerda. Há um pequeno intervalo na fala de Bretas, como se hesitasse em prosseguir, constrangido. Joana Lopes, encarando-o bondosa e fixamente, aguarda.

Logo em seguida, Bretas continua:

BRETAS: Também gostaria, se não for incômodo para a senhora, que me falasse também sobre a doença que se abateu sobre nosso grande artista. Mas, antes disso, me fale de seu nascimento, de seu pai, sua mãe...

15. Afastando-se de Bretas, câmera, em lento Trav.-Avante, vai enquadrar Joana Lopes em P.P. Olhos fixos no professor, deixa claro para o espectador que é uma mulher humilde, mas alfabetizada, inteligente e lúcida, com aquela sabedoria da gente do interior brasileiro.

OBSERVAÇÃO

O relato que Joana Lopes irá fazer significará a versão popular da vida intensa e dramática de Antônio Francisco Lisboa, que, a partir deste ponto, será dividida em 5 partes: INFÂNCIA, JUVENTUDE, MATURIDADE, DOENÇA e MORTE.

Esporadicamente, na filmagem dessas cinco partes, em flash-back, ouvir-se-á a voz off tanto de Joana Lopes, como do professor Bretas, este interrogando e, de certa forma, dando a versão erudita da vida do Aleijadinho. Serão vozes com narrativas evidentemente curtas, pois o que prevalece, em um filme, é a imagem com todo seu poderoso valor expressivo.

Também, intermitentemente, a ação do filme voltará aos interlocutores, Joana Lopes e Rodrigo Bretas, em curtas inserções para significar a passagem da Infância, para a Juventude; desta para a Maturidade, e assim por diante.

Fixada em P.P., Joana Lopes vai iniciar o relato solicitado por Bretas, enquanto, na trilha sonora, ouve-se, antecipadamente, o choro característico de criança recém-nascida:

SOM: Choro de criança.

JOANA LOPES: Antônio nasceu no dia 29 de agosto de 1738, no bairro de Bom Sucesso, freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Antônio Dias.

SEQÜÊNCIA 2

INTERIOR – QUARTO DE PARTURIENTE – OURO PRETO

16. Focaliza-se agora um dos quartos da residência de Manoel Francisco Lisboa, na antiga Vila Rica do ano de 1738.
Câmera fixa, em P.P., o rosto de Isabel, uma negra bonita e jovem, mãe de Antônio Francisco Lisboa, no instante em que emite um grito de dor, durante os procedimentos do parto.

SOM: Grito forte de parturiente.

Câmera recua e mostra, ao lado de Isabel, deitada, uma parteira gorda, parada, enxugando o suor que escorre pelo rosto da parturiente, cujas pernas estão abertas.

A parteira, de nome Raimunda, em determinado instante muda de posição e vai se colocar diante de Isabel, cujo filho está nascendo.

SOM: Novos gritos de Isabel.

A parteira, feliz, abre um aliviado sorriso e ajuda o filho de Isabel a nascer, dizendo, com veemência:

PARTEIRA: Faz força, Isabel! Mais força!

17. Câmera avança (carrinho ou steadycam) para enquadrar Isabel em P.P., o ar feliz, apesar do sofrimento do parto. Tem o rosto encharcado de suor. Em off ouvem-se as clássicas palmadas no bumbum do robusto bebê. Também em off ouve-se a parteira dizer, eufórica:

PARTEIRA: É macho, Isabel! Sadio e bonito, parecido com ocê!

18. P.M. do quarto. A parteira limpa o bebê e o coloca sobre o peito de Isabel, que o encara com grande alegria.

Depois a parteira abre uma porta e diz, alto:

PARTEIRA: Seu Manoel, seu Manoel! Vem já!

Rápida mudança de ângulo permitirá se veja um homem branco de seus cinquenta anos de idade, alto, o rosto queimado de sol, bigodão de português. É o pai de Antônio Francisco, o já famoso arquiteto ~~e escultor~~ Manoel Francisco Lisboa.

*Foi apenas
arquiteto*

Ele se encaminha, sorridente, até o leito da ex-escrava Isabel (câmera o acompanha em travelling).

Isabel exhibe-lhe o filho acabado de nascer, feliz. Manoel Francisco Lisboa faz um agrado no bebê e segura a mão da amante.

Sobre esta imagem ouve-se a voz off de Joana Lopes, dizendo ao professor Rodrigo Bretas:

JOANA LOPES (voz off): Isabel, como o senhor sabe, era escrava de Manoel Francisco Lisboa, homem bondoso e importante. Ele alforriou os dois, mãe e filho, assim que ele nasceu.

18. Ainda no quarto de Isabel, câmera, em nova angulação, focaliza Isabel, o filho e o arquiteto Manoel Francisco Lisboa. Este, muito feliz, abaixa-se, dá um beijo na mulher e no filho, dizendo, com o sotaque característico de lisitano:

MANOEL FRANCISCO: Ora, pois, pois! Nasceu o aldravão! Menino bonito, como a mãe! Quando crescer, vai ser artista, trabalhar comigo.

Manoel apanha o filho, levanta-o no ar e exclama, vaidosamente:

MANOEL FRANCISCO: Seu maroto, vais trabalhar muito e, é claro, vais ser um pândego, deixando doidas as negrinhas!

Devolve o bebê à mulher, dizendo, antes de sair:

MANOEL FRANCISCO: ~~Cuide bem do menino,~~ ó
Isabel! Vou precisar muito dele!

Contar

SOM – Entra, antecipada, música incidental, alegre, com acordes para bridadeira de criança.

SEQÜÊNCIA 3

EXTERIOR – JAZIDA DE PEDRA-SABÃO – OURO PRETO – DIA

19. Câmera focaliza o menino Antônio Francisco, agora com 8 anos de idade, chegando, correndo, a uma grande jazida da esteatite, vulgarmente chamada de **pedra-sabão**, abundante na região.

Câmera, instalada em grua, sobe e focaliza o menino que se aproxima do pai, Manoel Francisco, que superintende o trabalho de extração, seleção e transporte do granito, colocado com cuidados, em blocos, nos carros-de-boi, ou sobre plataformas de madeira amarradas em burros de carga.

Antônio Francisco corre à frente de três negrinhos, Maurício, Agostinho e Januário, inseparáveis amigos de nosso futuro escultor.

Parando ao lado do pai, que fiscaliza o trabalho de diversos escravos, vigiados por guardas das tropas, o menino Antônio Francisco observa a extração e transporte dos blocos da esteatite.

Vendo o filho parado, atento ao trabalho dos escravos, Manoel Francisco se aproxima, fingindo-se zangado, e exclama:

MANOEL FRANCISCO: Vais ficar aí parado, maroto?!
Vamos, vem ajudar, vem trabalhar também!

Antônio Francisco vai depressa ajudar os escravos e, com os amiguinhos, apanha e carrega também os blocos de pedra-sabão.

SOM: Música cessa e deixa ouvir, fortes, ruídos de extração do granito.

SEQÜÊNCIA 4

EXTERIORES E INTERIORES – OBRAS – OURO PRETO – DIA

20. Uma série de planos-flashes, interligados por rápidas fusões, fixam o mestre Manoel Francisco e seu filho Antônio Francisco, agora com seus 12 anos de idade, forte, espadaúdo, a cabeleira farta, o pescoço curto e grosso, labutando nas obras empreitadas pelo arquiteto, arrematante e mestre de obras reais Manoel Francisco Lisboa, como o Palácio do Governo da antiga província das Minas Gerais, chafarizes, pontes e outras obras civis e religiosas de Vila Rica e outras cidades da província.

Esses planos de ambientação mostrarão, preferencialmente, o quase adolescente Antônio Francisco subindo e descendo andaimes das construções, ajudando a rebocar paredes externas e internas, ensaibrando, usando o buril ou cortando madeira com o formão e o serrote.

SOM – Como na série anterior, música e ruídos ambientais de obras e construções.

FADE LENTO

SEQÜÊNCIA 5

INTERIOR – SACRISTIA DE IGREJA DE VILA RICA – NOITE

21. DETALHE de um grosso livro de gravuras bizantinas.

Câmera recua para enquadrar um padre franciscano conversando com Antônio Francisco Lisboa, homem feito, apesar de não contar mais do que 17, 18 anos de idade.

O sacerdote folheia o volume, dando explicações (texto a ser redigido posteriormente).

Depois abre outro livro, um álbum e exhibe uma de suas gravuras (reprodução de uma obra de Michelângelo), dando novos esclarecimentos. Mas sua voz não será ouvida, uma vez que a trilha sonora contará unicamente com música religiosa barroca, de autoria de Emérico Lobo de Mesquita.

SOM – Música religiosa, forte.

O franciscano apanha depois um exemplar da Bíblia (insert) e lê trechos do livro sagrado para o jovem Antônio Francisco, atento e visivelmente interessado.

Antônio Francisco usa uma calça ordinária e camisa branca, de época, além de rudes calçados.

F U S Ã O

SEQÜÊNCIA 6

INTERIOR – GALERIA DE MINA DE OURO – MARIANA - DIA

22. Grande Plano Geral, evidentemente sem detalhes modernos, de galerias da Mina da Passagem, entre Ouro Preto e Mariana.

Numerosos escravos, encharcados de suor, vigiados por homens armados, trabalham na extração do metal, perseguindo filões e veeiros subterrâneos.

SOM - Fortes ruídos ambientais.

EXTERIOR – BOCA DE MINA DE OURO – DIA

23. P.P. de Antônio Francisco desenhando na saída de uma mina em plena atividade de extração.

24. Close do desenho feito com carvão numa folha de papel ordinário. Trata-se de uma série de esboços de escravos carregando blocos de minério até uma camba tracionada por burro.

Nosso personagem tem a fisionomia séria e melancólica, como se desse conta da brutal exploração do trabalho escravo pelos colonizadores portugueses.

SOM – Ruídos ambientais, em bg, misturando-se com música de cravo.

SEQÜÊNCIA 7

INTERIOR – CASA DE ISABEL E ANTÔNIO FRANCISCO – NOITE

25. O arquiteto e empreiteiro Manoel Francisco Lisboa será visto, de início, enquadrado em P.P., lendo um livro, iluminado por uma lamparina, na modesta sala da casa de Isabel.

A escrava alforriada, mãe de Antônio Francisco, chega do interior da casa trazendo frutas e sucos, que deposita sobre uma mesinha ao lado da cadeira na qual está sentado o português, o qual, sem levantar os olhos, só diz:

MANOEL FRANCISCO: ~~Obrigado, Isabel.~~

Continue

26. Em novo enquadramento, câmara focaliza Antônio Francisco que chega à sala e se aproxima do pai, trazendo um rolo de papel com diversos esboços de desenho.

Aproxima-se, com certa timidez, e lhe diz:

ANTÔNIO FRANCISCO: Pai, desculpe interromper sua leitura...

Manoel Francisco ergue a vista e pergunta:

MANOEL FRANCISCO: Queres falar-me, Antônio?

Antônio Francisco chega mais perto do pai e lhe estende o rolo de papel, dizendo:

ANTÔNIO FRANCISCO: Gostaria que o pai visse uns desenhos...

MANOEL FRANCISCO: Senta-te.

O português apanha o rolo, que abre, e examina detidamente os desenhos do filho. Depois lhe fala:

MANOEL FRANCISCO: Estão bons. Mas podem melhorar bastante. Amanhã levo-te à casa do João Gomes Batista. Chegou há pouco de Lisboa. É um mestre. Vais aprender muito com ele.

Examina novamente os desenhos. Depois os coloca sobre a mesa e, mudando de assunto, pergunta, meio maliciosamente:

MANOEL FRANCISCO: Então, me digas: tens te divertido com as negrinhas?...

Antônio Francisco, meio sem jeito, encara-o sério, com pensamentos menos vulgares. Mas responde afetuosamente ao pai:

ANTÔNIO FRANCISCO: Ainda não penso nisto, pai. Estou preocupado é com o sofrimento desta multidão de escravos que Portugal traz da África.

Manoel Francisco não esconde a surpresa com a inesperada confissão do filho que, baixando o tom da voz, para que Isabel, em outro cômodo, não os ouça, continua:

ANTÔNIO FRANCISCO: Apesar de alforriada, mamãe sofre muito com a miséria desta pobre gente de sua... de minha raça. Já notou como é uma mulher amargurada? Até se esconde quando vem gente branca aqui.

MANOEL FRANCISCO: Falas em "tua raça"?... És meu filho, Antônio! Minha raça é branca! Tens sangue português!

ANTÔNIO FRANCISCO: Eu não sou branco, pai. Tenho muito orgulho de ser seu filho, mas não me envergonho de ser negro, ter sangue africano, como minha mãe.

*Em di-
cussão
foi um
pouco que
seificando,
na reunião
propor-
de a ideia
Está tudo
seu todo
muito an-
tificial.*

Manoel Francisco não gosta do que está ouvindo. Levanta-se e, o rosto afogueado, encara o filho e exclama, com certa exaltação:

MANOEL FRANCISCO: Não gosto do que dizes! Tens sangue lusitano, e disto deves te orgulhar! Portugal descobriu esta terra, lutou por ela e a defendeu dos invasores, não te esqueças disto!

Antônio Francisco também se levanta e, da mesma forma exaltado, replica ao pai:

ANTÔNIO FRANCISCO: Nesta terra há muito mais escravos do que brancos, pai! Gente arrancada de sua terra, amontoada nos porões infectos dos navios, 400, 500 desgraçados, tribos e nações inteiras, passando fome, arden- do de sede, marcados com ferro em brasa, muitos se jogando ao mar, desesperados, engolidos por monstros marinhos que seguiam, em cardume, as naus malditas! Mais de um milhão e duzentos mil negros foram arrancados da África, meu pai, inclusive minha mãe infeliz! Milhares

estão aqui, em Vila Rica, sofrendo toda sorte de atrocidades!

Antônio Francisco interrompe o libelo, exausto, o rosto encharcado de suor, diante do pai que o olha estupefato, sem acreditar na veemência acusatória do filho.

Um silêncio tenso emudece pai e filho. Antônio Francisco vai à janela e espia a noite alta, enquanto o pai caminha alguns passos e fica observando uma gravura presa na parede, absorto e atônito.

Até que se decide: volta-se e se encaminha para o filho, dizendo, agora com mais serenidade:

MANOEL FRANCISCO: Sem essa gente, os silvícolas, os negros e nossas tropas, Portugal perderia a colônia, não ergueria essas igrejas, pontes, palácios, monumentos e chafarizes, não arrancaria da rocha e dos rios o ouro que enriquece as nações...

Antônio Francisco, ainda à janela, volta-se para o pai e o interrompe, exaltadamente:

ANTÔNIO FRANCISCO: Enriquece sim, pai, enriquece Portugal, a Inglaterra, a Europa, mas não o Brasil e seu povo, que não tem escolas e nem hospitais!

Manoel Francisco chega perto do filho e, também enfaticamente, replica:

MANOEL FRANCISCO: Se Portugal não fosse forte, toda a América seria espanhola, e para aqui não viriam os mestres, os artesãos que chegam da Corte para ensinar nossa gente, você, por exemplo!

Antônio Francisco afasta-se da janela, aproxima-se do pai e, apaziguado, com remorso das palavras duras que lhe dissera, responde:

ANTÔNIO FRANCISCO: Está certo, pai, o senhor me perdoe esta maneira rude de falar. Toda Vila Rica reconhece isto que o senhor diz, sabe que o senhor e seus amigos são mestres e beneméritos, constroem igrejas belas e majestosas. Mas o povo, pai, esses milhares de escravos que vivem nas senzalas e trabalham nas minas, não sabem ler

nem escrever, sofrem castigos infames nos pelourinhos, não têm nada, nem liberdade!

MANOEL FRANCISCO: Não sabes, Antônio, que muitos deles estão sendo alforriados? Tu não foste alforriado, tua mãe não foi alforriada?!

O tom exaltado da discussão entre pai e filho atrai Isabel à sala. Preocupada, temendo um conflito mais sério entre os dois, a mãe de Antônio Francisco aproxima-se de Manoel Francisco e lhe diz, com voz humilde:

ISABEL: Vosmecê está cansado, Manoel Francisco, já é tarde. Não é melhor descansar?...

Chega perto do filho, beija-o e também recomenda, com ternura:

ISABEL: Você também, Antônio Francisco. Amanhã cedo não vai trabalhar na capela do Rosário?

ANTÔNIO FRANCISCO: Tem razão, mamãe. O melhor é mesmo a gente ir dormir.

Manoel Francisco caminha alguns passos, aproxima-se do filho, põe-lhe a mão no ombro e, afetuosamente, lhe diz:

MANOEL FRANCISCO: Também tenho muita pena dessa gente, Antônio. Sinceramente, gostaria muito que todos fossem livres. Afinal de contas, são seres humanos, são filhos de Deus...

ANTÔNIO FRANCISCO: Filhos esquecidos, meu pai

Antes de deixar a sala com Isabel, Manoel Francisco completa:

MANOEL FRANCISCO: O que dizes é assunto perigoso, meu filho. O melhor é não te meteres em política. Já te esqueceste do que aconteceu a Pascoal da Silva, a Felipe dos Santos?

Pai e mãe deixam a sala, enquanto Antônio Francisco Lisboa, só na sala, volta à janela e fica observando a rua fracamente iluminada pelos lampiões. Depois fecha a janela, apaga a lamparina e vai também para o quarto.

SOM – Na trilha sonora ouvem-se passos de soldados patrulhando as ruas e, em bg, bater de sino.

FADE-IN - FADE-OUT

SEQÜÊNCIA 8

INTERIOR – CASA DE JOANA LOPES – DIA

27. De volta à casa de Joana Lopes, câmara focaliza a parteira e Rodrigo Bretas no mesmo local visto anteriormente.

A primeira a falar é a nora do Aleijadinho, relatando o encontro de Antônio Francisco com João Gomes Batista.

JOANA LOPES: Foi muito importante para Antônio Francisco o encontro com o senhor João Gomes Batista. Ouviu falar nele, siô Bretas?

BRETAS: Sim, sim, dona Joana. Foi um mestre e Antônio Francisco aprendeu muito com ele. Era português e veio do Rio de Janeiro para trabalhar em Vila Rica, onde exerceu as funções de abridor de cunhos na Casa de Fundição. Um grande, um notável pintor e desenhista.

CORTA DIRETO PARA

SEQÜÊNCIA 9

INTERIOR – ESCADARIA DA CASA DE JOÃO GOMES BATISTA – OURO PRETO – DIA

28. Enquadra-se, na parte baixa da escadaria interna da casa de João Gomes Batista, Antônio Francisco, carregando um rolo de papel com desenhos. Ele entra no quadro, pela esquerda, e começa a subir a escadaria.

Handwritten note:
Nunca vi
referência
a João Go-
mes Batista
sendo abridor
de cunhos.
Consultei o livro
de Lourenço
Martins e lá não
consta nada a
respeito. Ele foi
abridor de
cunhos e, ao
mesmo tempo,
era também
desenhista.
Possivelmente
foi ele.

29. Em nova angulação, câmera focaliza Antônio Francisco de frente, em P.A., subindo a escadaria.

30. Enquadra-se Antônio Francisco em ¾ de perfil, à direita do quadro. Ele para no último degrau e bate à porta fechada.

Poucos instantes depois ela se abre e deixa ver a figura cordial e amistosa de João Gomes Batista, a quem Antônio Francisco se dirige, com certa timidez:

ANTÔNIO FRANCISCO: Bom dia, senhor João Gomes...
Sou Antônio...

João Gomes, sorridente, interrompe o visitante, dizendo:

JOÃO GOMES BATISTA: Sei, sei, é o Antônio Francisco, filho de meu ilustrado amigo Manoel Francisco Lisboa.

Coloca a mão no ombro de Antônio Francisco e o convida afetuosamente a entrar:

JOÃO GOMES BATISTA: Vamos entrar, Antônio, vamos entrar! Tenho grande prazer em recebê-lo nesta casa!

INTERIOR – SALA DA CASA DE JOÃO GOMES BATISTA – DIA

31. No interior da sala da casa de João Gomes, câmera focaliza mestre e aluno diante da porta.

Através de Pan-E-D, a objetiva os segue até o centro da grande sala, na qual podem ser vistas diversas mesas (tabuleiros rústicos), diante das quais cinco homens (dois brancos, um negro e dois pardos), todos muito jovens) fazem esboços ou copiam gravuras de grossos alfarrábios.

Antônio Francisco faz um gesto cordial para todos que, naturalmente, se voltam para o recém-chegado.

Câmera inicia Trav-Avante até enquadrar João Gomes e Antônio Francisco em P.A.

João Gomes apanha o rolo de desenhos que Antônio Francisco lhe estende e se encaminha até uma mesa numa das extremidades da sala (PAN para acompanhá-los).

Senta-se. Antônio Francisco entra no quadro. O mestre lusitano lhe faz um gesto para que puxe uma cadeira (Câmera corrige o quadro).

32. Focalizado agora em P.P., João Gomes Batista demonstra enorme interesse pelos esboços que vai retirando do maço e observando atentamente. Balança afirmativamente a cabeça (CLOSES de alguns desenhos).

33. Antônio Francisco se debruça em certo momento sobre a mesa, tira um lápis-carvão e começa a retocar o rosto de um escravo. Trata-se de um negro sentado numa pedra, à beira de um riacho, o rosto cansado.

34. CORTE para detalhar a mão de Antônio Francisco, retocando o desenho.

SEQUÊNCIA 10

INTERIOR – IGREJA DO PILAR – OURO PRETO – DIA

35. Diante de um dos altares da Igreja do Pilar, câmera focaliza Antônio Francisco, João Gomes Batista e Francisco Xavier de Brito, este último famoso ornamentista, que viera de Lisboa pouco antes de João Gomes.

~~Antônio Francisco~~
~~Xavier de Brito~~ aponta para detalhes da obra, mas sua voz não será ouvida, já que a trilha sonora será ocupada pelo forte som de órgão (música de Lobo de Mesquita).

SOM – Música barroca de órgão.

MÚSICA DE FUNDO vai para bg, permitindo ouvir-se em off, as vozes de Bretas e Joana Lopes:

JOANA LOPES (voz off) – Me contaram também que meu sogro aprendeu a desenhar e a fazer trabalhos em madeira e na pedra-sabão com dois mestres chegados de Lisboa. Mas o nome deles já esqueci...

BRETAS (voz off) - Eu me recordo, dona Joana. Chama-vam-se João Gomes Batista e Francisco Xavier de Brito, este ultimo famoso ornamentista e mestre em talha.

SOM – Volta a ouvir-se música de órgão.

36. CÂMERA DETALHA Antônio Francisco e seus inseparáveis companheiros e auxiliares, todos ex-escravos, Maurício, Januário e Agostinho, aprendendo o ofício de entalhador com Xavier de Brito, contratado como ornamentista da Matriz de Nossa Senhora do Pilar. *examinando outras obras de Xavier de Brito, em Santa Efigênia e peças que se encontram atualmente no Museu do Trauífício, coram de altar procedente de Santa Bárbara.*

SOM – Música religiosa forte e expressiva.

~~O mestre português corrige um ou outro detalhe do trabalho do discípulo, que
ouve atentamente seus ensinamentos.~~

FADE-INT - FADE-OUT

SEQÜÊNCIA 11 - PRIMEIRA VERSÃO

EXTERIOR – CACHOEIRA DAS ANDORINHAS - MANHÃ

37. Câmera, instalada em grua, enquadra em G.P.G., a bonita região da Cachoeira das Andorinhas, destacando o riacho onde as mulheres vão lavar roupa.

SOM – Ruído forte da cachoeira.

Logo surgem, por vários caminhos, mulheres de cor e mestiças com suas trouxas de roupas sobre as cabeças. São lavadeiras que logo se distribuem por uma das margens do riacho e começam a lavar as peças de roupas que retiram das trouxas. Grua desce lentamente e focaliza o grupo de lavadeiras.

38. CORTA para Antônio Francisco Lisboa e um amigo de aventuras amorosas, Felipe. Estão numa pequena colina, de onde apreciam a azáfama das lavadeiras.

Antônio Francisco tem sua atenção atraída para uma mulata de grande beleza, as pernas metidas na água, lavando e batendo roupa numa pedra grande e lisa. Como se presentisse a presença do jovem Antônio Francisco, agora com seus 20 anos de idade, a lavadeira dirige-lhe um olhar reprovativo, como censurando a espionagem.

SOM – Ruídos ambientais.

39. O olhar sorridente de Antônio Francisco transforma o olhar, meio irritado, da bela mulata num sorriso com que ela retribui a anônima admiração

SOM – Sobe música romântica, como "leit-motif" de Antônio Francisco e Helena.

40. P.G. do riacho e das lavadeiras, com Antônio Francisco ao fundo.

Fazendo um sinal ao amigo, Antônio Francisco caminha na direção de Helena que, intrigada, segue-o com o olhar.

41. Antônio Francisco aproxima-se da moça e, os dois enquadrados em P.A. pergunta:

ANTÔNIO FRANCISCO: Fica zangada se eu perguntar seu nome?

HELENA: Primeiro diga seu nome, "seu" moço...

ANTÔNIO FRANCISCO: Antônio...

Helena, inesperadamente, interrompe AF para dizer, sorridente:

HELENA: Eu sei: Antônio Francisco Lisboa, filho de Isabel, amiga de minha mãe. Meu nome é Helena...

SOM – Sobe, antecipadamente, música romântica para a próxima sequência.

F U S Ã O

EXTERIOR – PONTE DE PEDRA EM VILA RICA – NOITE

42. P.A. de Antônio e Helena caminhando por uma ponte de pedra, as mãos dadas. Vão até um belo chafariz, hoje conhecido como "Chafariz de Marília". Com as mãos em concha, Helena toma água, que sai de um cano. Antônio Francisco faz o mesmo.

SOM – Música desaparece, ouvindo-se somente ruídos do chafariz e da noite.

EXTERIOR – CACHOEIRA DAS ANDORINHAS – NOITE

Há um corte direto para o mesmo local onde AF viu Helena pela primeira vez, quando lavava roupa no bonito riacho. No enquadramento enfatiza-se a paisagem ao anoitecer, com o perfil das montanhas e do riacho empedrado.

Antônio Francisco e Helena entram no quadro pelo fundo.

Câmera, instalada em steadycam, documenta o passeio do casal na noite inundada por um belo luar.

ANTÔNIO FRANCISCO: Helena, gostaria de fazer um retrato seu. Assim eu me lembro de você, quando sair de Vila Rica...

HELENA: Ocê vai sair daqui?

ANTÔNIO FRANCISCO: Só não saio se você ficar comigo...

HELENA: Fico... Hoje, amanhã, para sempre!

Os dois param de caminhar. AF toma o rosto de Helena nas mãos. Câmera avança em travelling até detalhar os dedos do rapaz acariciando o belo rosto de Helena. Depois beija-a nos cabelos, na fronte, nos olhos e, fortemente, na boca.

Helena se deixa abraçar e tocar por aqueles dedos feitos para criar beleza. Na trilha sonora sobe música romântica de mistura com acordes dramáticos e pressagiosos.

FADE-IN - FADE-OUT

SEQÜÊNCIA 11 - SEGUNDA VERSÃO

NOTA - Esta segunda versão descreve também o encontro de Antônio Francisco Lisboa com Helena. No entanto, só será realizada se o orçamento do filme o permitir, por tratar-se de seqüência muito dispendiosa. Este, o Roteiro esquemático desta versão alternativa.

EXTERIOR – PRAÇA E ESCADARIA DA IGREJA DE SANTA EFIGÊNIA – OURO PRETO – DIA

37. Instalada em grua, câmera focaliza em G.P.G. a rua e escadaria da Igreja de Santa Efigênia, no topo da rua Vira-Saia, no Alto da Cruz, ainda vazias.

SOM - Começa a ouvir-se o som de tambores e “patangomes” (latas cheias de chumbo de caça miúdo) com participantes cantando em dialeto africano.

Fixadas do alto (câmera em grua) dezenas de negros e negras, com belos, ricos e coloridos trajes rituais das celebrações do Reisado do Rosário, vão surgindo e ocupando a praça.

No centro das duas filas de negros que dançam e cantam em dialetos africanos, misturados com louvores a Nossa Senhora, em português, surgem Chico Rei e sua mulher, a “rainha”, ambos sentados em tronos carregados por integrantes da tribo afro-brasileira.

Perto dos dois, “rei” e “rainha”, cantam e dançam igualmente o “príncipe”, filho de Chico, a “princesa”, sua nora e toda a comunidade negra da “corte”, formando, na verdade, como informam os historiadores, um verdadeiro Estado dentro do Estado.

SOM – Sobem, fortes e imponentes, ruídos de tambores, atabaques e outros instrumentos, além de cânticos em língua africana e portuguesa.

“Como naquele tempo toda *Irmandade* estava unida à idéia religiosa de um santo patrono, tomou o numeroso grupo de Chico Rei o patronato de Santa Efigênia, à qual ergueu, à custa do ouro da Mina da Encardideira, o belo templo no Alto da Cruz”.

“No dia 6 de janeiro – ensina Diogo de Vasconcelos na “História Antiga das Minas Gerais” – o rei, a rainha e os príncipes vestidos como tais eram conduzidos em ruidosas festas africanas à igreja para assistirem à missa cantada, e depois percorriam em danças características, tocando instrumentos músicos indígenas da África, pelas ruas. Era o “Reisado do Rosário”, festa que se imitou em todos os povoados das Minas”.

38. Câmera principal e segunda câmera documentam, em planos diversos, a trepidante festa de Chico-Rei e sua corte afro-brasileira

39. Uma das “tomadas” mostrará, em um canto da escadaria da Igreja de Santa Efigênia, nosso personagem, Antônio Francisco Lisboa ao lado da mãe, Isabel, apreciando a festa do Reisado.

Perpassando os olhos pela multidão de participantes da pictórica festividade, Antônio Francisco tem a atenção fortemente atraída por uma mestiça, das mais belas, graciosas e destacadas entre as mulheres que participam da celebração.

É Helena, que virá a ser o grande amor de nosso artista, também ela atraída pelo olhar de admiração de Antônio Francisco.

40. Outros planos documentam a subida dos participantes do Reisado pela escadaria do templo religioso e destacam, em primeiros-planos, a imponência de Chico-Rei e sua corte.
41. Também novos primeiros-planos acentuam o olhar, quase de deslumbramento, que Antônio Francisco dirige a Helena.
42. As filmagens em exteriores da Igreja de Santa Efigênia terminam quando Chico-Rei e os integrantes do Reisado entram solenemente no templo.

INTERIOR – NAVE DA IGREJA DE SANTA EFIGÊNIA – DIA

43. Do alto do coro da Igreja de Santa Efigênia, câmera focaliza, em G.P.G., a nave sendo aos poucos invadida pelos participantes do Reisado do Rosário.
44. Em seguida, já em nível normal, câmera registra a multidão que vai ocupando os bancos do templo religioso.
45. Em nova angulação, focaliza-se Antônio Francisco que, avistando Helena sentada em um banco na frente da nave, faz o mesmo e vai sentar-se ao lado dela.

Os dois se fitam e conversam, mas sua voz não se ouve, abafada pelo burburinho da multidão.

Câmera, em lento Trav-Avante, vai enquadrar AF e Helena em primeiro-plano, permitindo ouvir-se o curto diálogo que mantêm, em baixo tom de voz:

ANTÔNIO FRANCISCO: Você é a moça mais linda do Reisado. E dança com um jeito encantador...

HELENA: Bondade sua...

ANTÔNIO FRANCISCO: Não vai me dizer seu nome?

HELENA: Só digo se disser o seu...

ANTÔNIO FRANCISCO: Antônio...

Helena abre-se num sorriso brejeiro, interrompendo o admirador:

HELENA: Eu sei. É Antônio Francisco Lisboa, filho de Isabel... Toda Vila Rica conhece...

46. O curto diálogo entre AF e Helena é interrompido pela música forte que vem do órgão instalado no coro.

SOM - Música religiosa eloqüente vinda do órgão do coro.

EXTERIOR – CACHOEIRA DAS ANDORINHAS – TARDE

47. EM CORTE DIRETO câmera focaliza a imponente paisagem da Cachoeira das Andorinhas, na Serra de Ouro Preto.

SOM – O som do órgão é substituído pelo ruído da cachoeira.

NOTA: VOLTAMOS PARA O PLANO 43 DA SEQÜÊNCIA 11 DA PRIMEIRA VERSÃO.

SEQÜÊNCIA 12

INTERIOR – SACRISTIA DA IGREJA DO PILAR – DIA

44. Estamos na primeira metade dos anos sessenta do século dezoito. Antônio Francisco Lisboa tem agora 28 anos de idade. Cultiva uma barba espessa e o cabelo é preto e anelado. No interior da Matriz do Pilar, auxiliado por Maurício, Januário e Agostinho, AF está dando os derradeiros retoques no belo oratório de jacarandá.

Maneja com grande habilidade o buril e os demais instrumentos com os quais vai dando forma às figuras do oratório (CLOSE das mãos trabalhando).

SOM – Ruído dos instrumentos no trabalho e, quando do CLOSE, acorde dramático de premonição.

SEQÜÊNCIA 13

INTERIOR – CASA DE ANTÔNIO FRANCISCO – NOITE

45. Antônio Francisco dá ruidosa entrada no quarto de sua casa. (Pan para acompanhá-lo.

Helena acaba de se meter sob as cobertas e se assusta com a entrada efusiva do companheiro.

AF vai sentar-se na beira do leito, toma nos braços o corpo da amante e a abraça com vigor.

46. P.M. cerrado dos dois.

Helena, sorridente, pergunta:

HELENA: Quê que houve, homem? Viu um passarinho?

47. P.P. de Antônio Francisco que deixa que ela se ajeite no travesseiro e diz, eufórico:

ANTÔNIO FRANCISCO: Imagina, Helena, que estou vindo da reunião da Ordem Terceira Franciscana. A ministra perpétua da Irmandade, dona Teresa Alvarenga, você conhece, a mãe do doutor Cláudio Manoel da Costa, deu a aprovação do meu risco para a capela de São Francisco de Assis!

INTERIOR – CASA DE CLÁUDIO MANOEL DA COSTA - NOITE

48. Em corte direto da seqüência anterior, câmara se desloca para o interior da senhorial sala da residência de Cláudio Manoel da Costa e nela documenta, em planos expressivos, o importante encontro de Antônio Francisco com Cláudio Manoel e sua ilustre mãe dona Teresa Ribeiro de Alvarenga.

D. Teresa Ribeiro de Alvarenga foi realmente mãe de Cláudio? E ela morava com ele? Cláudio já era sexo genérico, quantos anos ela teria? Seria, sem dúvida, 26 muito idosa para ser dirigente da Ordem franciscana. É preciso considerar ainda que, no século XVIII, dificilmente uma mulher receberia uma incumbência de natureza.

É uma sala ricamente decorada, revelando o alto nível financeiro, social e cultural do grande poeta mineiro.

Sentados em ricos móveis coloniais, Antônio Francisco ouve, com grande e respeitosa consideração, a boa notícia que lhe dão aquelas destacadíssimas personalidades da vida social e cultural de Vila Rica.

Sentado ao lado da mãe, em elegante sofá, o futuro inconfidente se dirige amistosamente a Antônio Francisco, abrindo o diálogo:

CLÁUDIO MANOEL: Como minha mãe lhe disse, mestre Antônio, a Ordem aprovou o risco para a futura capela de São Francisco de Assis. O arrematante da construção será o senhor Doimingos Moreira de Oliveira e, por sua sugestão, o douramento e as pinturas serão cometidas a Manoel da Costa Ataíde.

Antônio Francisco, visivelmente satisfeito, intervém, respeitosamente:

ANTÔNIO FRANCISCO: Com sua permissão, Doutor Cláudio, devo dizer que muito me honra a colaboração de mestre Ataíde.

Neste ponto, dá entrada na sala uma escrava com uma bandeira com iguarias de época, que ela coloca sobre uma mesa no centro do conjunto de móveis onde se sentam Cláudio, sua mãe e Antônio Francisco. Antes de servir, dona Teresa Ribeiro de Alvarenga dirige-se ao visitante, também com grande cordialidade:

DONA TERESA: Também aprovamos a participação do senhor Lucas Evangelista de Jesus para fazer as portas de entrada e da sacristia de madeira apainelada e do senhor Manoel Gonçalves para o tapavento.

CLÁUDIO MANOEL: Artesãos de grande competência. Com esta equipe, que o senhor vai chefiar, acho que vamos erguer a mais bela capela de Vila Rica.

ANTÔNIO FRANCISCO: Deus o ouça, doutor Cláudio, Deus o ouça e nos abençoe a todos!

Dona Teresa se levanta e, ela própria, serve as iguarias ao filho e a Antônio Francisco.

Logo em seguida, Cláudio Manoel volta a dizer a Antônio Francisco:

CLÁUDIO MANOEL: Fico muito satisfeito pela aprovação, pelo Concílio, de seu projeto de talha e escultura do frontispício da capela, dos dois púlpitos, o chafariz da sacristia, as imagens das Três Pessoas da Santíssima Trindade e dos anjos no cimo do altar-mor, bem como a figura do Cordeiro sobre o sacrário e toda a escultura do teto da capela-mor.

Dona Teresa então interfere com especial simpatia pelo artista:

DONA TERESA: Parece-me, prezado mestre Antônio Francisco, que é trabalho para a vida inteira!

Depois se levanta, completando:

DONA TERESA: Agora me dão licença, que tenho tarefas a fazer.

Antônio Francisco imediatamente se levanta, enquanto dona Teresa dele se aproxima e lhe estende mão, que ele beija com elegante reverência, ouvindo-a despedir-se:

DONA TERESA: Até muito breve, mestre Antônio.

ANTÔNIO FRANCISCO: Até breve, dona Teresa, muitíssimo agradecido por tudo.

A ilustre senhora deixa a sala, enquanto Antônio Francisco faz menção de se retirar. Cláudio Manoel, no entanto, lhe diz:

CLÁUDIO MANOEL: Fique mais um pouco, mestre Antônio. Gostaria de lhe expor algumas considerações. Venha sentar-se a meu lado.

Antônio Francisco, seguido pela câmara em travelling, vai colocar-se no mesmo sofá, ao lado de Cláudio Manoel, que então lhe diz:

*Proposições
do Arquivo
para essa
passagem.
O grande o-
rientador
do Aleijá-
do foram os
artistas que fre-
quentaram o ateli-
e do pai. Ao
realizar o projeto
da São Francisco ele
já era noventa e se-
gura a linha das
tentativas do grande arquiteto
torreano Borromini.*

CLÁUDIO MANOEL: Quero dizer-lhe, mestre Antônio, que coloco à sua disposição, para estudo, os livros de arte que eu trouxe da Europa. Acho que lhe serão muito úteis. Pode vir quando quiser

ANTÔNIO FRANCISCO: Muita generosidade sua, Doutor Cláudio. Fico-lhe muito reconhecido. Virei mesmo, e não poucas vezes.

CLÁUDIO MANOEL: O senhor vai conhecer e admirar o estilo barroco preponderante na Espanha e Portugal, também largamente seguido na Alemanha e outros países da Europa.

INTERIOR – BIBLIOTECA DE CLÁUDIO MANOEL – NOITE

49. Em corte direto, câmera focaliza Antônio Francisco Lisboa em um recanto da rica biblioteca de Cláudio Manoel da Costa.

Senta-se diante de uma mesa, sobre a qual se vêem grossos volumes de arte, com ilustrações de templos e obras do barroco europeu.

Diante de um dos livros, aberto, Antônio Francisco, papel à mostra, faz cópias, enquanto, na trilha sonora, se ouve a voz off de Cláudio Manoel da Costa:

CLÁUDIO MANOEL (voz off): Estude os clássicos, os mestres das grandes civilizações europeias, mas nunca se esqueça de procurar soluções pessoais, seguindo caminhos e estilo próprio, brasileiro, para os trabalhos que vai realizar.

50. Detalhe da mão direita de AF, com lápis de carvão, fazendo cópias do livro que examina atentamente.

Continua, no entanto, a ouvir-se a voz off de Cláudio Manoel:

CLÁUDIO MANOEL (voz off): Veja o exemplo de seu ilustre pai, Manoel Francisco Lisboa. Mesmo tendo nascido e estudado em Portugal, soube se adaptar às características da arquitetura e da ornamentação no Brasil.

51. P.P. (câmera ligeiramente no alto) de Antônio Francisco, em ¾ de perfil, à direita do quadro, com o livro de arte à esquerda. Câmera mostra AF que vira a página do livro, deixando ver a gravura de um templo barroco da Europa.

Enquanto isto, continua a ouvir-se a voz off de Cláudio Manoel:

CLÁUDIO MANOEL (voz off) - Conheça e tire partido dos dados essenciais da escola lusitana e espanhola do barroco, mas procure realizar uma obra pessoal, duradoura, que reflita o tempo e a alma de nosso povo.

INTERIOR – CASA DE ANTÔNIO FRANCISCO – NOITE

52. De volta ao quarto da casa de AF, câmera focaliza nosso personagem abraçado a Helena que, em certo momento, coloca o rosto no peito do amante e lhe diz, amorosamente:

HELENA: Que maravilha, Antônio! Agora reconhecem seu talento, confiam a você obras tão importantes.

ANTÔNIO FRANCISCO: Mas ainda tenho muito a aprender, Helena. E trabalhar mais ainda. E vou precisar muito de seu amor, de seu carinho...

HELENA: Isto você vai ter de sobra, Antônio, hoje, amanhã, sempre!

53. Câmera inicia lento Trav.-Avante até fixar o casal em P.P.
AF se volta para Helena e começa a acariciar-lhe o rosto, a boca, depois os seios, enquanto a amante, possuída pelo desejo e a sensualidade, exclama:

HELENA: Antônio... Te quero, te quero, te quero...

F A D E

SEQÜÊNCIA 14

EXTERIOR - RIACHO -LAVAGEM DE CASCALHO - DIA

54. DETALHE das mãos de um garimpeiro negro, movimentando uma bateia, na qual vai sendo depositada, misturada à água de um riacho, pequena quantidade de ouro de aluvião.

55. P.G.do riacho (câmera em grua) e de uma multidão de mineradores, negros, mulatos e brancos, inclusive crianças, todos seminus, ocupados no trabalho de garimpagem e lavagem de cascalho.

Canoas e bolinetes são usados na lavagem do cascalho, no meio do qual podem encontrar-se pepitas de ouro, meta de todos ("FLASHES" dos procedimentos técnicos da busca de ouro naqueles tempos).

SOM – Ruídos dos trabalhos de lavagem do cascalho.

56. Câmera desce e enquadra Antônio Francisco em P.P., parado, sobre um pequeno morro, na beira de uma estradinha, apreciando pesaroso o trabalho escravo.

SEQÜÊNCIA 15

INTERIOR – CANTEIRO DE OBRAS DE IGREJA EM CONSTRUÇÃO – DIA

57. Câmera registra vários planos mostrando um grupo de pessoas (a maioria negros e mulatos, trabalhando na construção daquela que seria a mais bela igreja barroca de todo o Brasil, a de São Francisco de Assis, "obra-prima" co-movente, no dizer de Lúcio Costa.

SOM – Ruídos ambientais do trabalho na igreja.

Estamos nos primeiros anos da década de 70 do século 18 na Vila Rica. Antônio Francisco está aproximadamente com 35 anos de idade. Os cabelos e a barba enbranqueceram prematuramente, mas ele age com excepcional vigor, como se tivesse pressa.

Com o formão e os demais instrumentos trabalha com inexcédível perícia, tanto a pedra-sabão, como a madeira de lei, quase sempre cedro e jacarandá.

Com o emprego de modernas técnicas de efeitos especiais eletrônicos, de maquetes e computador, vemos desta feita a maravilhosa igreja de São

Francisco de Assis ganhando forma, elevando-se no belo anfiteatro onde hoje proliferam barracas e tabuleiros de artesãos de jóias baratas, estatuetas, anéis, etc.

Câmera, versátil, documentando o trabalho de AF e seus auxiliares, focaliza bom número de curiosos apreciando o templo sendo erguido, com as obras bem adiantadas e de algumas maquetes (trucagens eletrônicas).

Na seqüência especial, vamos para o interior da sacristia do templo em adiantada construção. Ali estão Antônio Francisco e seus ajudantes, comendo de marmita, em silêncio.

SOM – Em bg, ruídos de obras no templo.

De repente a atenção do grupo é atraída para a entrada da sacristia P.M. e PAN para enquadrar Helena que chega, com ar preocupado. Ela se aproxima de AF e lhe diz:

HELENA – Venha, Antônio, seu pai teve um ataque e está muito mal.

Antônio Francisco deposita a marmita no chão e se levanta, seguindo a companheira. Depois os dois saem de quadro.

CORTA PARA

INTERIOR – QUARTO DA CASA DE ANTÔNIO FRANCISCO-DIA

58. No quarto de Isabel, iluminado, com a janela fechada, por um lampião de querosene, o agonizante Manoel Francisco Lisboa, é visto, em P.M., deitado no leito largo, muito pálido.

Ao lado da cama Isabel, a mãe de Antônio Francisco, está sentada numa cadeira, rezando com um terço na mão, enquanto Padre Felix, filho do arquiteto português com a segunda mulher, Antônia Maria de São Pedro, termina de aplicar a Extrema Unção.

A porta se abre e entram Antônio Francisco e Helena. Compungido, AF, vestido como visto na sacristia, aproxima-se do leito de morte do pai.

59. Deixando Manoel Francisco em P.P., com os olhos cerrados, à esquerda do quadro, de perfil, câmera enquadra Antônio Francisco sentando-se na beira da cama.

Manoel Francisco abre os olhos, como se pressentisse a presença do filho, e lhe estende uma das mãos. Em contra-campo, câmera enquadra AF à direita do quadro, em $\frac{3}{4}$ de perfil, com o pai à esquerda.

AF toma-lhe delicadamente a mão, enquanto Manoel Francisco faz um gesto para que chegue mais perto do travesseiro.

60. P.P. de Manoel Francisco e o filho, que quase recosta o rosto no do pai, que, com voz débil, murmura:

MANOEL FRANCISCO : Meu filho... Ame esta terra generosa, como eu sempre amei... E cumpra seu destino de artista... com fervor... e fé... até chegar ao coração de Jesus...

Manoel Francisco faz um último esforço e ainda consegue dizer, com um resto de voz:

MANOEL FRANCISCO: E proteja... sempre... sua mãe... Isabel...

Antônio Francisco se curva e beija a mão do pai, enquanto Padre Felix se aproxima da cama e faz o sinal da cruz na testa suada do pai (P.P. dos dois) que fecha os olhos e dá o último suspiro.

Todos se ajoelham e rezam em voz baixa.

FADE LENTO

SEQÜÊNCIA 16

EXTERIOR – SÍTIO DE JOANA LOPES – MANHÃ

61. Enquadra-se em P.G. a modesta casa de Joana Lopes.
Câmera inicia Trav-Avante e se aproxima da janela aberta da sala onde se encontram o professor Bretas e a nora do Aleijadinho.
Ultrapassa a janela e penetra na sala onde os dois conversam.

INTERIOR – SALA DA CASA DE JOANA LOPES – MANHÃ

62. Continuando o “travelling”, câmera vai enquadrar de perfil Bretas e Joana Lopes, sentados um diante do outro.

Joana Lopes oferece um pedaço de bolo ao professor. Há uma cafeteira e dois cuités. Bretas come devagar o bolo, enquanto Joana enche os dois cuités de café, ouvindo-o dizer:

BRETAS: Delicioso este bolo, dona Joana...
Obrigado.

Depois serve-se de café e retira um caderninho do bolso, dizendo:

BRETAS: A senhora me dizia que mestre Antônio fez algumas viagens a Sabará.

JOANA LOPES: Fez várias, professor. Os padres da Ordem do Carmo de lá queriam que ele fizesse algumas obras de embelezamento em sua capela. Diziam que houve uma briga danada entre os Irmãos da Ordem Terceira do Carmo de Vila Rica com os de Sabará.

SEQÜÊNCIA 17

EXTERIOR – ESTRADA DE TERRA PERTO DE SABARÁ - DIA

63. P.G.(câmera em grua) de Antônio Francisco e de seus três habituais ajudantes, todos montados, cavalgando nas proximidades da cidade de Sabará, vista ao fundo.
Depois atingem uma velha ponte de pedra (câmera desce lentamente até fixar o grupo em P.M.)

SOM – Ruídos de patas de cavalos.
Logo volta a ouvir-se a voz off de Joana Lopes.

JOANA LOPES (voz off): Os padres lá de Sabará queriam ficar independentes dos daqui e acabaram ganhando. Chamaram meu sogro pra trabalhar na capela do Carmo de lá, que é muito bonita, o senhor conhece?

BRETAS: Conheço sim. É uma linda igreja, na qual mestre Antônio Francisco deixou a marca de seu gênio.

64. Instalada em veículo, câmera acompanha, em Trav.-Atrás, a comitiva de Antônio Francisco, seguindo pela estrada de terra e aproximando-se de Sabará.

SOM – Tropel lento de cavalos e, em bg, bater de sinos de igreja.

Durante este plano, continua a ouvir-se a voz off de Joana Lopes:

JOANA LOPES (voz off) – A morte de Manoel Francisco abalou muito meu sogro. A viagem a Sabará chegou mesmo na hora. Me disseram que ele foi muito bem recebido lá.

EXTERIOR – RUA DE SABARÁ – TARDE

65. Uma série de planos de cobertura documentam a chegada de Antônio Francisco e seus companheiros na velha cidade de Sabará. Muitos de seus moradores vêm saudar o já famoso escultor seguindo, com seus auxiliares, por uma rua da cidade, na qual ele permaneceria por quatro ou cinco anos, com pequenas interrupções. Em certo trecho uma menina parda se adianta e oferece flores ao ilustre escultor de Vila Rica. O grupo pára (P.M. dos quatro cavaleiros e da garotinha). AF desce de sua montaria para receber as flores e beijar a menina, em agradecimento. Alguns populares gritam seu nome: “Mestre Antônio Francisco! Mestre Antônio Francisco!”

INTERIOR – IGREJA DO CARMO DE SABARÁ - DIA

66. CORTE DIRETO para o interior da Igreja do Carmo de Sabará. Câmera, em planos de documentação, fixará alguns dos mais importantes trabalhos do escultor, enquanto na trilha sonora serão ouvidas as vozes off de Bretas e Joana Lopes:

JOANA LOPES (voz off): Antônio Francisco passou unsquatro anos, mais ou menos, em Sabará, mas voltou algumas vezes a Vila Rica. Fez várias obras na Igreja do Carmos, só que não me alembro mais.

BRETAS (voz off) Anotei aqui no caderninho alguns recibos guardados até hoje pela ordem carmelita de Sabará, o risco do frontispício, com a bela portada, as imagens de São Simão Stock e São João da Cruz, os baixos-relevos em pedra-sabão dos dois púlpitos, as grades da nave, as portas principais e algumas outras.

67. De volta ao interior da Igreja do Carmo de Sabará, câmera focaliza, em contre-plongée, as pinturas dos forros da capela-mor e da nave, enquanto Bretas explica, em voz off:

BRETAS (voz off): Mestre Antônio contou em Sabará com a colaboração de outros insígnis artistas, como o entalhador Francisco Vieira Serva e Joaquim Gonçalves da Rocha, este responsável pelas belas pinturas dos forros da capela-mor e da nave.

SOM: Na trilha sonora serão ouvidos trechos de música de autores barrocos mineiros.

FUSÃO RÁPIDA

EXTERIOR – FRENTE DA IGREJA DO CARMO – SABARÁ – NOITE

68. Antônio Francisco, Januário, Maurício e Agostinho deixam o interior da Igreja do Carmo, após novo dia de trabalho. Já é noite. Estão fatigados e se preparam para descansar na casa onde se hospedam. AF se volta para os companheiros e lhes fala:

ANTÔNIO FRANCISCO: Amanhã volto para Vila Rica com você, Agostinho. Sinto muitas saudades de minha mãe e de Helena. Também estou muito cansado.

Dirige-se então para Agostinho e lhe pede:

ANTÔNIO FRANCISCO: Quero que me consigam uma carroça para a viagem, e não te esqueças do colchão e dos cobertores. Ando sentindo muito frio aqui.

Depois recomenda a Maurício e Januário:

ANTÔNIO FRANCISCO: Vocês dois ficam em Sabará para acabar o serviço. Falta pouco. Deixo com vocês os desenhos dos púlpitos.

Depois, por uma ruela, se afastam e desaparecem no escuro da noite

FADE-IN - FADE-OUT

SEQÜÊNCIA 18

INTERIOR – CASA DE FUNDIÇÃO DE VILA RICA – DIA

69. Nova série de planos focalizam máquinas manuais, operadas por escravos vigiados por guardas armados, fundindo e cunhando ouro.

SOM – Ruídos de máquinas operando. Logo cresce na trilha sonora música de fundo, dramática.

70. Um homem, vestido com certo apuro, chega diante de uma grande mesa, ocupada por três homens de nacionalidade portuguesas em mangas de camisa. Têm diante de si balanças para pesar o metal.

O recém-chegado abre um saco de pano e exhibe o ouro para o encarregado de “cobrar” o quinto. Este toma o ouro em pepitas e as coloca na balança. Faz um cálculo numa caderneta e separa uma pequena quantidade do metal, que devolve ao minerador.

Sobre estes dois planos (69 e 70) ouvir-se-á a voz off de Bretas e de Joana Lopes, comentando:

JOANA LOPES (voz off): Naquela época todo mundo dizia que o ouro estava acabando, mas os portugueses cobravam sempre o “quinto” dos mineradores e mandavam para Lisboa. O povo ficava cada vez mais pobre e revoltado.

BRETAS (voz off): E mestre Antônio, dona Joana, recebia direitinho pelo trabalho?

JOANA LOPES (voz off): Que nada! Trabalhava demais e ganhava uma miséria! Trabalhou anos e anos, só recebendo meia oitava de ouro por dia... E era um mão aberta, siô Bretas. Dividia tudo que ganhava meio a meio com seus ajudantes, o Maurício, o Agostinho, o Januário.

F U S Ã O

SEQÜÊNCIA 19

INTERIOR – ATELIER DE ANTÔNIO FRANCISCO – DIA

71. No interior de seu atelier Antônio Francisco trabalha na escultura em madeira de Nossa Senhora do Carmo (ou de outra santa com expressão serena e espiritual).

Câmera inicia lento Trav.-Avante até fixar em detalhe, o rosto da santa esculpida pelo artista.

INTERIOR – CASA DE ANTÔNIO FRANCISCO – NOITE

72. EM CORTE DIRETO da tomada anterior, câmera focaliza o rosto de Helena em P.P.

É um rosto ardente e sensual, contrastando com a expressão pura da santa esculpida por Antônio Francisco, como vista no plano anterior.

Câmera recua, em travelling, abrindo o quadro até P.A., mostrando AF, despido, que se aproxima do corpo, também nu, de Helena, que o espera excitadamente.

Em vez de possuí-la imediatamente, Antônio Francisco começa a acariciá-la com as mãos, aquelas mesmas mãos que antes esculpiam a imagem da santa.

73. Em novo enquadramento, câmera detalha as mãos de Antônio Francisco, acariciando com delicadeza, mas também com sensualidade, os cabelos, a fronte, os olhos, as faces e, finalmente, a boca sensual de Helena. Helena se deixa tocar e responde à carícia do amante com um olhar erigido de desejo.

Câmera recua lentamente e focaliza as mãos e parte do rosto e corpo de Antônio Francisco e Helena.

AF agora acaricia o pescoço e depois os seios de Helena.
Em seguida, as mãos de AF descem até o sexo de Helena, não mostrado pela objetiva, pois câmera faz pequena panorâmica para cima e novamente enquadra o rosto, ardendo de desejo, da mestiça.
Antônio Francisco, enlaçando-a com força, beija-lhe a boca, apaixonadamente.

SOM - Sobe música romântica.

FADE-IN - FADE-OUT

INTERIOR – BIBLIOTECA DE CLÁUDIO MANOEL – NOITE

74. Enquadra-se, em P.G., a rica biblioteca de Cláudio Manoel da Costa, vendo-se, em um canto, Antônio Francisco Lisboa, lendo um grosso volume de arte renascentista e barroca, com papel e lápis de carvão para fazer anotações. Sobre a mesa um lampião ilumina AF e parte da sala. É noite alta.

SOM – O silêncio na biblioteca só é quebrado por ruídos ambientais, como grilos, passos de gente caminhando na rua, ouvidos pela janela.

Câmera inicia lento Trav-Avante até enquadrar, de frente, em P.P., nosso personagem, concentrado na leitura.
Em seguida, em Trav.-Circular, vai enquadrar AF ligeiramente de perfil, à esquerda do quadro e, sobre a mesa, o grosso volume de arte renascentista.

SOM – Neste ponto, a atenção de AF é despertada pelos passos de alguém que chega e bate à porta de entrada da casa (ruídos em off).

75. P.P. de Antônio Francisco, atento ao ruído de alguém chegando à casa de Cláudio Manoel da Costa.

SOM – Batidas na porta, em off.
Em seguida, passos na sala ao lado
E porta se abrindo. Alguém entra.

Antônio Francisco volta a concentrar-se no estudo.

Pouco depois, entretanto, voltam a repetir-se os ruídos de alguém que caminha na rua, bate à porta, uma, duas vezes, e é recebido na sala contígua à biblioteca.

SOM – Os mesmos ruídos se repetem.

76. Em novo enquadramento, Antônio Francisco tenta concentrar-se no estudo, mas sua atenção é novamente despertada pelos ruídos que lhe chegam do cômodo vizinho.

Agora distingue perfeitamente a voz de Cláudio Manoel, dizendo ao recém-chegado:

CLÁUDIO MANOEL (voz off) – Boa noite, Tomaz Antônio, sempre o mais pontual. Vêm os outros?

TOMAZ ANTÔNIO GONZAGA (voz off): Foram convocados: o Alferes, Maciel, Alvarenga, Tenente Coronel Freire de Andrade, Silvério, todo o grupo.

EXTERIOR – RUA DA CASA DE CLÁUDIO MANOEL – NOITE

77. **P.G.** da rua em declive da residência de Cláudio Manoel da Costa. Por ela vem descendo, enquadrado de costas, um vulto com chapéu e traje de época.

Caminha apressadamente, envolto em sombras, na rua fracamente iluminada pelos lampiões, e pára diante da porta da casa de Cláudio Manoel da Costa.

Olha para os lados e, certificando-se de que está só, bate à porta que, logo é aberta. E entra.

SOM – Passos no calçamento de pedras. Depois batidas à porta, que se abre e fecha.

INTERIOR – BIBLIOTECA - CASA DE CLÁUDIO MANOEL – NOITE

78. De volta à biblioteca da casa de Cláudio Manoel, câmera, em novo enquadramento, focaliza Antônio Francisco à mesa de estudo, novamente concentrado na leitura do livro de arte.

*Seria o embuçado? A com-
partilhada.
com as datas
total que ser
feita. Esse
episódio é pos-
terior a pri-
mária de 1944
antes, no
Rio.*

Verifica-se, no entanto, que está intranquilo, desviando novamente a atenção para o que se passa na sala ao lado, ouvindo gente que chega e o diálogo em voz off:

A construção da Igreja de São Francisco se estendeu de 1766 (quando houve a decisão de construí-la) até o século seguinte (quando os últimos trabalhos foram realizados). Em 1777 ela foi inaugurada, mas em 1794 ainda estavam sendo realizadas obras pesadas.

Esse encontro ^{antes} ~~inconfidente~~ ^{que} ~~teria sido "ouvido" por~~ ^{Antônio Francisco, que} estava na biblioteca e é possível se por dada a ideia de que a obra tinha continuidade, mesmo depois de oficialmente inaugurada. O ^{Adelino} ~~Adelino~~ ^{frequentador habitual} da biblioteca de Clau ^{dio e estava, nessa fase} ~~adiantada, fazendo~~ ^{qualquer tipo de consulta.}

JOSÉ ÁLVARES MACIEL: O novo Governador tomou posse trazendo nas mãos as *Instruções* do Ministro Melo e Castro. Barbacena é ardiloso e perigoso, vem com ordens para a cobrança do "quinto" por via da "derrama". Soube que já começou as intimações.

Barbacena foi nomeado em 1786 (11/8/86) e tomou posse dois anos depois, portanto, em 1788.

TIRADENTES (voz off): Não pode haver motivo melhor para o levante. Com a "derrama" a revolta une todos: mineradores, devedores do Fisco, povo e patriotas!

ALVARENGA PEIXOTO (voz off) – A medida odiosa é o assunto de todas as conversas. Ricos e pobres, devedores e contratantes estão em pânico. A sublevação deve ser rápida, bem organizada, principalmente bem organizada!

FREIRE DE ANDRADE (voz off) – Nenhum minuto de hesitação! É mobilizar os patriotas, o povo, as guarnições. E conseguir o maior número possível de adesões. Revoltado o povo, acudo à frente dos Dragões, como para subjugar os amotinados, mas, na verdade, faço a tropa se confraternizar com o povo!

TIRADENTES (voz off): Já tenho a adesão do Padre Rolim, Coronel Domingos Vieira, Salvador Gurgel do Amaral e outros que estou arregimentando. Tenham fé, patriotas! Vamos libertar Minas Gerais e o Brasil, implantar a República, criar escolas, universidades, fábricas, manufaturas, o fim da escravidão, liberdade para todos, progresso para nossa terra!

TOMAZ ANTÔNIO GONZAGA (voz off): A bandeira, proposta pelo Alferes, terá um triângulo, representando a Santíssima Trindade, com o verso de

Virgílio, "Libertas Ouae Sera Tamen", sugerido pelo Alvarenga.

CLÁUDIO MANOEL(voz off) – Lançada a derrama, Alferes sairá pelas ruas a sublevar o povo. E não se esqueçam da senha para o rompimento: "Hoje, faço o meu batizado".

F U S Ã O

79. P.G. do salão da biblioteca. Reina um grande silêncio, só quebrado pelo ruído que Antônio Francisco faz ao virar a página de um livro. Além da lamparina, a sala começa a iluminar-se com a claridade do dia, amanhecendo. Câmera inicia lento Trav-Avante, passando por AF, atento ao texto do livro, e, depois, prosseguindo na direção de uma janela aberta para a rua, através da qual se vê o dia amanhecendo, dourando o casario de Vila Rica.

SOM – Ruídos do amanhecer. Passos e uma caleche rodando no calçamento da rua.

FADE-IN - FADE OUT

SEQÜÊNCIA 20

INTERIOR – CASA DE ANTÔNIO FRANCISCO LISBOA – DIA

80. Na sala da casa onde reside com mãe Isabel e Helena, Antônio Francisco, fixado em P.P., trabalha ~~no~~ ^{na} projeto ~~da~~ ^{da} Igreja de São Francisco de Assis. Câmera recua, em Trav., abrindo o quadro e deixando ver Cláudio Manoel da Costa, a quem Antônio Francisco exhibe alguns desenhos, dizendo:

ANTÔNIO FRANCISCO: Estou trabalhando, doutor Cláudio, no coroamento da porta principal, "com uma composição em pedra-sabão, com dois medalhões, um com as cinco chagas, outro com os cinco dados, dominados por outro medalhão maior, em que se vê

a imagem em meio corpo de Nossa Senhora da Conceição, encimada por uma coroa de rainha".

Cláudio Manoel examina atentamente os desenhos e depois comenta, vivamente satisfeito:

CLÁUDIO MANOEL: É uma esplêndida composição, mestre Antônio Francisco! Quero depois mostrar para minha mãe. Não tenho dúvidas, meu amigo, será a mais bela capela de Vila Rica!

ANTÔNIO FRANCISCO: Obrigado, muito obrigado, doutor Cláudio!

CLÁUDIO MANOEL: Agora devo partir. Tenho uma importante reunião daqui a pouco.

Os dois se levantam. Antônio Francisco acompanha Cláudio Manoel até a porta, que ele abre. Os dois se despedem afetuosamente.

Cláudio sai e Antônio Francisco, exultante, volta à sala para recomeçar o trabalho.

Helena vem então do quarto Helena com um bebê, Manoelzinho, de um ano e pouco.

81. Em novo plano, câmera abre o quadro e focaliza Helena, com o filho no colo, aproximando-se de Antônio Francisco.

AF interrompe o trabalho e recebe o filho que Helena lhe estende. Beija-o e comenta, feliz, sorridente:

ANTÔNIO FRANCISCO: Está lindo o nosso filho, heim, Helena? Está meio gorduchinho. Não está mamando demais?

Helena abraça Antônio Francisco por trás, beija-lhe a cabeça e depois exclama, sorridente:

HELENA: Que culpa tenho se meus peitos têm tanto leite, e o Manoelzinho tanta fome?...

Antônio Francisco nada diz, devolve-lhe o filho e tenta tocar nos seios de Helena. Mas ela recua, dizendo, divertida:

HELENA: Isto é pro Manoelzinho, não é pra você!

F U S Ã O

SEQÜÊNCIA 21

EXTRIOR – FACHADA DA IGREJA DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS – DIA

82. Através de trucagem (miniatura) ou técnica em computador, fixamos agora parte da fachada da Igreja de São Francisco de Assis, ainda com andaimes.

SOM – Música incidental.

INTERIOR – SACRISTIA DA IGREJA DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS DIA

83. DETALHE de um buril modelando a figura de um frade franciscano com os olhos vendados, os braços sustentando um pergaminho com inscrições latinas, obra executada para o alto-relevo do lavabo da sacristia do templo dedicado a São Francisco de Assis.

SOM – Acordes dramáticos.

Câmera recua, em travelling, e mostra Antônio Francisco sentado numa banqueta. Com o buril lavra, delineia, desgasta as mãos, os dedos do frade franciscano em pedra-sabão.

84. NOVO DETALHE de AF que, com o cinzel, o formão e a marreta vai esculpindo partes do lavabo.

SOM – Música dramática domina a trilha sonora.

Repentinamente uma dor intensa obriga Antônio Francisco a emitir forte gemido.

SOM – Gemido agudo, ampliado com eco.

*Se a com
trilha sonora
iqueja está
avançada,
para coincidir
com a
duração da
trilha sonora
a duração da
composição
que já levou
também há
muito tempo
manifestado.
44 minutos
do 38º e 40º
cartão e com
com o seu prode-
cimento.*

85. P.A. de Antônio Francisco que dobra o corpo ante a dor intensa. A marreta tomba pesadamente no chão, enquanto um rito doloroso aparece em seu rosto.

Maurício se aproxima, assustado, e se abaixa para indagar a seu mestre:

MAURÍCIO: Quê que houve, mestre Antônio?!

86. P.M. da sacristia, focalizando os outros auxiliares, Januário e Agostinho, que também chegam, assustados.

AF, com as feições exprimindo grande dor, responde, exibindo as mãos:

ANTÔNIO FRANCISCO: Não sei... Foi uma dor medonha... nos dedos... das duas mãos! E também nos pés!

87. P.P. de Agostinho que, descretamente, faz o sinal da cruz.
Câmera recua, em Trav., abrindo o quadro até P.A. do grupo.
Antônio Francisco tenta levantar-se, mas não consegue por-se de pé. Maurício e Januário, além de Agostinho, vêm em seu socorro e o amparam, ajudando-o a caminhar até a saída da sacristia (câmera os acompanha em Pan).

EXTERIOR – RUA DA CASA DE ANTÔNIO FRANCISCO – DIA

88. Nas proximidades da casa onde reside AF, câmera focaliza os três ajudantes carregando Antônio Francisco.
Há um corte para uma das residências vizinhas para mostrar um casal de velhos chegando à janela e olhando surpresos a cena inusitada.

SOM – Sempre música dramática.

INTERIOR – CASA DE ANTÔNIO FRANCISCO – DIA

89. P.G. do grupo dando entrada no interior da casa de nosso artista.
Antônio Francisco tenta andar até seu quarto, apoiando-se nos calcanhares.
Surgem Helena e Isabel muito assustadas:

HELENA: Meu Deus, mas o que aconteceu, Antônio?

ISABEL: Minha Nossa Senhora!

90. P.A. de AF, Helena e Isabel entrando no quarto (Pan e Trav.). Antônio Francisco nada diz, limitando-se a olhar a mãe e Helena com os olhos cheios de sofrimento, enquanto Maurício, Januário e Agostinho, parados à porta, observam, compungidos, o que se passa.
91. Em novo enquadramento, câmera mostra Helena e a mãe que ajudam AF a estender-se na cama. Depois Helena volta-se para os auxiliares de AF e lhes fala:

HELENA: Ocês agora podem sair. Eu cuido dele.

Januário, Agostinho e Maurício se afastam. Logo em seguida também Helena deixa o quarto.

Câmera corrige o enquadramento e vai focalizar AF deitado e Isabel que acaricia o rosto do filho, sem nada dizer.

92. P.A. do quarto, com a cama, AF e Isabel mais para a esquerda e, ao fundo, a porta pela qual Helena volta com um pano molhado, com o qual enxuga o rosto de AF, profundamente prostrado, a dor abrindo-lhe sulcos no rosto pálido.

AF fecha os olhos e diz, debilmente:

ANTÔNIO FRANCISCO: Me deixem descansar... É só o que quero...

SOM – Música dramática se ouve em toda a seqüência.

SEQÜÊNCIA 22

EXTERIOR E INTERIOR – LOCAIS DIVERSOS DE VILA RICA

93. Série de planos para captar as reações de diferentes pessoas diante da notícia do mal que acometera o grande escultor, a saber:

- Populares diante da casa do artista, tecendo comentários em voz baixa e fitando a residência do escultor;

- Duas beatas sussurrando no interior de uma igreja:

BEATA 1 - Ouvi falar que mestre Antônio Francisco não consegue mexer os dedos.

BEATA 2: Chi, coitado, como é que ele vai fazer as imagens tão bonitas?

- Interior de um botequim. Dois homens tomam cachaça e comentam:

POPULAR 1: Soube da doença do Antônio Francisco? Coitado, estão dizendo que apanhou doença braba no bordel.

POPULAR 2: É... pode ser. Ele freqüentava muito casa de putas.

INTERIOR - SALA DE UMA RESIDÊNCIA BURGUESA - DIA

94. Dois homens de idade, ambos médicos, estão sentados num sofá de palhinha, cercados por duas ou três pessoas de ambos os sexos, todos bem vestidos.

Eles comentam:

MÉDICO 1: Acho muito estranho, doutor Raimundo. A doença de Antônio Francisco foge de todos os sintomas conhecidos.

MÉDICO 2: Dizem as más línguas, que ele abusava da cardina, uma beberagem preparada com corações macerados dos cervos...

MÉDICO 1: Chego a pensar que a sífilis o atacou.

MÉDICO 2: Não acredito nesta hipótese, caro colega. Acho que mestre Antônio sofre de um mal epidêmico, chamado de zamparina, que já grassou nesta região há alguns anos atrás, e cujos resíduos provocam deformidades e paralisias. Provavelmente o humor gálico se complicou com o escorbútico no infeliz.

INTERIOR - CASA DE CLÁUDIO MANOEL - NOITE

95. Na sala da biblioteca, conversam Cláudio Manoel da Costa, Tomaz Antônio Gonzaga e dona Teresa Alvarenga, sentados em elegantes cadeiras de palhinha. O assunto ainda é a doença de Antônio Francisco Lisboa:

CLÁUDIO MANOEL: Soubeste, naturalmente, Tomaz, da esquisita doença que atacou mestre Antônio Francisco?

96. P.P. de Tomaz Antônio Gonzaga, respondendo:

TOMAZ ANTÔNIO GONZAGA: Sim, eu soube. É muito lamentável! Estou contristado. Qual teria sido a causa, Cláudio?

CLÁUDIO MANOEL: Há muita divergência. Falam em encefalite letárgica, febre de caráter maligno, capaz de provocar paralisias e horríveis deformidades. Há quem diga que a causa pode Ter sido a zamparina, escorbuto, febres tifóides, terças malignas. Pobre amigo!

97. P.M. da sala e dos três amigos, enfatizando-se dona Teresa Alvarenga que comenta, penalizada:

DONA TERESA ALVARENGA: Vou mandar celebrar uma missa por sua recuperação.

CLÁUDIO MANOEL: O que me entristece, mãe, além da doença que o aflige, é a possibilidade de não conseguir mais trabalhar. É triste, é lamentável!

SOM - Sobe música dramática, depois substituída por música religiosa (talvez solo de cravo).

FADE-IN - FADE-OUT

SEQÜÊNCIA 23

A série de planos que, a seguir serão descritos, terá por objetivo fundamental destacar a magnífica conformação moral do homem e do artista Antônio Francisco Lisboa diante da adversidade daquele que, a partir da misteriosa doença, passou a ser carinhosamente chamado de "Aleijadinho".

A grandeza de sua figura, naqueles momentos trágicos de sua vida, adquire o admirável relevo que o tornaria a maior figura artística daquele século em nosso país.

EXTERIOR - ADRO DA IGREJA DE SÃO MIGUEL E ALMAS - DIA

98. P.G. do adro da igreja de São Miguel e Almas, no instante em que chega Antônio Francisco Lisboa, montado num burrinho puxado por Januário.

Depois Januário e Maurício o ajudam a desmontar e o carregam até um andaime rente à fachada do templo.

AF, demonstrando bastante agilidade, caminha sobre joelheiras de couro e sobe até o alto do andaime, seguido por Maurício que apanha os ferros e os amarra nas duas mãos com os dedos atrofiados do escultor.

O Aleijadinho começa então a trabalhar na portada.

SOM - Música pungente.

99. P.M. de um grupo de curiosos que, ao verem no alto do andaime o famoso escultor, param diante do templo e ficam apreciando seu trabalho.

100. Câmera, em grua, sobe e vai enquadrar Antônio Francisco em P.P., voltando-se para os curiosos, dizendo, zangado:

ANTÔNIO FRANCISCO: Vosmecês não têm o que fazer não?!
Vão embora, deixem de vagabundagem!

101. Seguem-se alguns flashes de Antônio Francisco e seus auxiliares trabalhando na portada da capela.

INTERIOR - CASA DE JOANA LOPES - DIA

102. De volta ao interior da casa da parteira Joana Lopes, câmera enquadra o professor Bretas sozinho na sala. Mas por poucos instantes, pois, logo a seguir, Joana chega da cozinha trazendo café e alguns quitutes, dizendo:

JOANA LOPES: Fiz um caféquentinho e algumas brevidades.

BRETAS: Estou dando muito trabalho à senhora, dona Joana.

JOANA LOPES: Que nada, siô Bretas. O senhor merece muito mais, com tanta consideração com meu saudoso sogro.

103. Bretas toma um gole do café, come uma brevidade e, logo a seguir, pergunta:

BRETAS: Fico imaginando, dona Joana, o sofrimento de nosso grande artista. Mas o que me enche de admiração é que ele, mesmo com a doença e os dedos atrofiados, não parou de trabalhar e fez algumas de suas obras mais belas!

JOANA LOPES: Nunca parou, professor, e não ser quando caía de cama. Inventou umas joelheiras que um dos ajudantes enfiava pelos pés até os joelhos dele. Assim podia andar, mesmo com muito sacrifício.

Câmera inicia lento travelling até fixar Bretas em P.P., quando prossegue:

BRETAS: E para esculpir as suas esculturas e as suas imagens, como mestre Antônio Francisco fazia, a senhora sabe me dizer?

INTERIOR - ATELIER DO ALEIJADINHO - DIA

104. A resposta de Joana Lopes à pergunta do professor Bretas se dará em voz off, pois câmera se deslocará para o atelier de Antônio Francisco Lisboa, no instante em que trabalha na talha de uma de suas mais belas esculturas.

A objetiva fixará Agostinho e Januário amarrando ataduras de couro e instrumentos de trabalho nas mãos do escultor.

JOANA LOPES (voz off): Trabalhava com os instrumentos amarrados nas duas mãos, doutor Bretas. E Deus ajudou meu sogro, que podia mover os polegares e os indicadores, facilitando um pouco o trabalho...

Durante esta fala se verá, em detalhe, a mão direita do Aleijadinho com as ataduras de couro e os ferros em pleno trabalho.

SOM - Música pungente.

EXTERIOR - RUA DA CASA DE ANTÔNIO FRANCISCO - NOITE

105. P.G. e Pan para mostrar um bangüê (espécie de padiola de conduzir doente e também para transportar material de construção, adaptado com cobertura de couro para conduzir o nosso artista da casa para o trabalho, e vice-versa), chegando diante da residência de AF.

Januário e Agostinho, que carregam o veículo de transporte improvisado, depositam o bangüê no chão e levam seu mestre até a soleira da porta, logo aberta por Isabel, mãe de AF.

O Aleijadinho entra na casa arrastando-se pelas joelheiras, já com bastante agilidade.

SOM - Música de cravo, ou órgão.

F U S Ã O

SEQÜÊNCIA 24

EXTERIOR - RUA DA CASA DO ALEIJADINHO - MADRUGADA

106. P.G. da rua com a casa do Aleijadinho ao amanhecer.

Vindo do fundo surgem Januário e Maurício, o segundo puxando o burrinho usado para transportar o artista.

Januário bate na porta da casa de seu mestre.

SOM - Batidas na porta. Galos cantando.

107. P.A. de Antônio Francisco que aparece com um chapelão preto na cabeça, que praticamente lhe oculta o rosto já bastante desfigurado, e um grosso casaco, que lhe cai até os pés.

O Aleijadinho é colocado pelos ajudantes sobre o animal, pacientemente à espera (Plano Médio para enquadrar os três personagens).

EXTERIOR - RUAS E LADEIRAS DE VILA RICA - AMANHECER

108. Câmera, em veículo ou Trav.-Atrás, focaliza o Aleijadinho montado no burrinho, puxado por Maurício, a caminho do trabalho, seguindo por uma viela e outras ruas e ladeiras de Vila Rica.

SOM - Ruido do burrinho na rua.

Começa a ouvir-se a voz off de Joana Lopes:

JOANA LOPES (voz off) : Não consigo me esquecer, doutor Bretas, do feio aspecto de meu sogro, algum tempo depois de apanhar a doença.

109. P.P. do Aleijadinho montado no burrinho, deixando mostrar o aspecto horrível do rosto que a doença deformou.

Continua a ouvir-se, misturado ao trotar do animal, a voz off de Joana Lopes:

JOANA LOPES (voz off) : Tinha as pálpebras inflamadas, muitos dentes caíram, a boca entornou, o olhar do infeliz tinha uma expressão meio sinistra...Coitado do meu sogro, ninguém pode imaginar seu sofrimento!

EXTERIOR - ESTRADINHA CARROÇÁVEL - AMANHECER

110. G.P.G. de uma estradinha vicinal, de terra, vendo-se ao fundo as montanhas incendiadas pelo sol, uma enorme bola de fogo que dissipa as sombras da noite.

SOM - Música poderosa e expressiva.

111. Corte direto para P.M. de uma carroça puxada por um cavalo baio. O veículo possui uma capota improvisada de couro.

112. P.P. e Trav.-Lateral mostrando o interior do rústico veículo.

O Aleijadinho está sentado em um almofadão, tendo ao lado o fiel Agostinho. Na boléia Maurício e Januário.

Acompanhando, lateralmente, a carroça seguindo devagar pela estradinha, câmara mostra Maurício, que conduz o veículo, chicoteando o animal e gritando:

MAURÍCIO: Eia, "carrapacho", vamo, diabo!

E passa a emitir sons característicos que obrigam os animais de transporte a andarem mais depressa.

SOM - Sons vocais em meio a ruídos da carroça. Música em bg.

113. Instalada agora no interior do rústico veículo, câmera enquadra em P.P. mestre Antônio Francisco Lisboa com a capa, o chapelão e, meio escondida na sombra, seu rosto desfigurado.

A certa altura, ele se volta para o Agostinho e pede:

ANTÔNIO FRANCISCO: Me passa a marmita, Agostinho.

O ajudante apanha um embrulho ao lado e o passa do mestre. O Aleijadinho tira uma colher do bolso do casacão e começa a comer.

SOM - Ruídos da carroça rodando na estrada.

FADE LENTO

SEQÜÊNCIA 25

INTERIOR - CASA DE ANTÔNIO FRANCISCO LISBOA - NOITE

114. Enquadra-se, na cozinha da casa de AF, em P.A., a mãe de Antônio Francisco, Isabel, lavando louça na cozinha. Tem o rosto triste e envelhecido.

Antônio Francisco chega à cozinha, aproxima-se da mãe, beija-lhe o rosto e lhe fala:

ANTÔNIO FRANCISCO: Mãe, já disse outras vezes, que não é para a senhora ficar o tempo todo na cozinha, preparando comida, lavando prato, limpando o chão.

Câmera avança, em Trav., e vai enquadrar Isabel em P.P.

Isabel baixa os olhos, humilde, enquanto ouve Antônio Francisco, que prossegue em off:

ANTÔNIO FRANCISCO (voz off): A senhora não é mais escrava mamãe! Foi alforriada, como eu. E nem é empregada desta casa. Deixa a Helena ajudar a senhora.

Câmera, em Trav.-Circular, afasta-se de Isabel e, no final do movimento, enquadra Isabel e Antônio Francisco em P.A.

Isabel nada responde, desviando o olhar do filho, que ainda lhe diz:

ANTÔNIO FRANCISCO: Outra coisa, mamãe: fico muito triste quando a senhora vem se esconder aqui na cozinha quando chega gente branca pra conversar comigo. A senhora é minha mãe, que amo muito, e não deve se envergonhar de ser negra. Sou negro também, e me orgulho disto!

Abraça e beija a mãe, e depois se retira, indo na direção de seu quarto.

SOM - Toques de sino, perto.

115. Transferindo-se para o interior do quarto, câmera enquadra Helena, em 3/4 de perfil, à direita, de calcinha e sutiã, sentada na beira da cama, ajeitando os cabelos.

Ao fundo, à esquerda, em "raccord" de movimento, Antônio Francisco, sempre caminhando de joelheira, surge, abrindo a porta, e avança na direção de Helena.

Vendo-o chegar, Helena levanta-se e, seguida pela câmera em Pan-D-E, afasta-se e começa a vestir uma roupa depositada na cadeira.

116. Vendo-a seminua, Antônio Francisco se excita e caminha na direção da mulher. Alcançando-a, tenta abraçá-la com certa impetuosidade

Helena se assusta com o gesto meio desajeitado de AF e não esconde uma expressão de repulsa. Tapa a boca e olha-o por alguns instantes, indecisa entre se deixar abraçar, ou dele se desvencilhar. E, em gesto instintivo, recua dois passos.

117. Campo: Helena, à direita, em 3/4 de perfil, em P.P., e, à esquerda, de frente, a figura patética de Antônio Francisco, compreendendo tudo, os olhos exprimindo profunda tristeza.

118. Contra-campo: Antônio Francisco, à esquerda, em 3/4 de perfil, com Helena à direita, de frente, ainda com a mão tapando a boca, os olhos espantados, como se tivesse visto um fantasma.

Estão mudos, Helena exprimindo medo e repulsa, AF desalento e profunda tristeza.

SOM - Só se ouve, vindo de fora, o bater de um velho sino de igreja.

119. Em novo enquadramento, câmera focaliza AF e Helena, um frente ao outro, ambos de perfil.

Subitamente, profundamente deprimido, Antônio Francisco dá meia-volta e deixa o quarto, enquanto Helena se joga na cama, soluçando.

SOM - Solução e, em bg, sino tocando tristemente.

F U S Ã O

120. Ainda na casa de Antônio Francisco, câmera enquadra em P.G. o mesmo quarto, horas depois.

Uma lamparina com luz fraca de querosene, está ainda acesa numa mesinha próxima.

Antônio Francisco está deitado e puxa as cobertas até o peito. Tem as mãos escondidas.

Helena entra no aposento, já vestida, pronta para sair. E lhe fala:

HELENA: Antônio Francisco, mamãe não está passando bem e me pediu pra dormir com ela esta noite. O Manoelzinho está no quarto de dona Isabel, que vai cuidar dele esta noite.

121. Em contra-campo, câmera, ligeiramente em "contre-plongée", enquadra Antônio Francisco, a cabeça recostada em um travesseiro grosso, à esquerda do quadro, olhando em silêncio Helena, posicionada de frente, em P.A., e que ainda lhe fala:

HELENA: O leite e o café estão prontos. Fiz pãozinho de queijo, que ocê tanto gosta. Boa noite.

E sai, fechando cuidadosamente a porta.

SOM - Passos de Helena, afastando-se.

122. Depois de fixar Antônio Francisco, sempre deitado, em P.A., câmera inicia lento Trav.-Avante até enquadrá-lo em P.P.P., os olhos abertos, marcados pelo sofrimento e a tristeza.

SOM - Música triste e expressiva.

FUSÃO LENTA

SEQÜÊNCIA 26

EXTERIOR - CASA NA CERCANIA DE VILA RICA - NOITE

123. Instalada no alto da grua, câmara focaliza, em P.G., uma ruela afastada de Vila Rica. A noite é escura, mas deixa ver, ao fundo, banhada pela luz fraca de um lampião, um vulto de mulher, caminhando com precaução, na direção de uma pequena casa isolada.

SOM - Música com presságio.

124. Grua desce lentamente e focaliza Helena, em P.A., aproximando-se da casa isolada.

Bate na porta e espera alguns instantes, até que ela se abre.

125. P.P. de Helena, de perfil, diante da porta que, em "raccord" de movimento, se abre, deixando ver, de camisa aberta, o ajudante de ordem do Governador D. Bernardo de Lorena, tenente José Romão, dizendo:

^{Jo}
JOSÉ ROMÃO: Entre, Helena...

*O perso-
nagem
histórico
se chama
na João
Romão.*

INTERIOR - CASA NA CERCANIA DE VILA RICA - NOITE

126. No interior humilde da casa, vista anteriormente, José Romão tenta abraçar a companheira de Antônio Francisco Lisboa.

Helena reluta, mas acaba se deixando enlaçar com ardor pelo tenente lusitano. E se beijam, meio aflitivamente.

^{Jo}
José Romão toma-a nos braços e a carrega até uma cama típica de viúvo, comum no interior de Minas. E começa a despi-la, enquanto diz, abrasado de desejo:

^{Jo}
JOSÉ ROMÃO: Sabes que te quero muito, cabrocha linda! Gosto muito, doidamente!

CORTA PARA

INTERIOR - QUARTO DA CASA DE ANTÔNIO FRANCISCO - NOITE

127. Antônio Francisco Lisboa é agora enquadrado em P.A. em sua cama larga, os olhos empapuçados, bem abertos, voltos para a porta de entrada do quarto.

Pela janela uma pálida claridade começa a invadir o aposento simples, de poucos móveis.

SOM - Cantos de galo. Vento forte silvando.

FADE-IN - FADE-OUT

SEQUÊNCIA 27

EXTERIOR - PALÁCIO DO GOVERNADOR - DIA

128. Instalada na escada de acesso à porta principal do Paço dos Governadores, (*A SEQUÊNCIA DEVERÁ SER FILMADA NO MUSEU DA INCONFIDÊNCIA*), câmera enquadra em P.M., do alto da grua, a chegada do bangüê carregado por Agostinho e Januário, tendo o Aleijadinho no seu interior.

Eles sobem a escadaria, enquanto a grua, recuando nos trilhos do "travelling", focaliza o bangüê, trazido por Agostinho e Januário, que alcança o alto da escadaria e, pela porta principal, entra no pátio interno do Paço.

EXTERIOR - PÁTIO INTERNO DO PAÇO DOS GOVERNADORES - DIA

129. Antônio Francisco e seus ajudantes atravessam o pátio interno do Paço dos Governadores e chegam ao gabinete do Governador Bernardo Lorena.

INTERIOR - GABINETE DO GOVERNADOR D. BERNARDO - DIA

130. No interior do gabinete do Governador-Geral, Januário e Agostinho retiram Antônio Francisco do bangüê.

Caminhando sobre os joelhos protegidos pelas joelheiras, o Aleijadinho aproxima-se do Governador, passando, num canto, pelo ajudante de ordens, tenente José Romão, que dirige um sorriso de escárnio ao famoso artista e, assim que ele se afasta, comenta em voz baixa, como para si mesmo, comentário, no entanto, ouvido pelo Aleijadinho:

JOSÉ ROMÃO: Feio homem! Feio homem!

O Governador vem do fundo e vai ao encontro de AF, dizendo-lhe, amistosamente:

D. BERNARDO: Como está passando, mestre Antônio Francisco?

ANTÔNIO FRANCISCO (secamente): Como Deus manda. O que vossa senhoria deseja de mim?

131. Câmera, em Trav-Avante, vai enquadrar o Governador e o Aleijadinho em P.A., ambos de pé.

O Governador caminha alguns passos pelo gabinete, seguido, com os olhos, pelo Aleijadinho, que o escuta dizer:

D. BERNARDO: Convoquei vosmecê a palácio para encomendar-lhe uma nova imagem de São Jorge, com articulação no joelho, para desfilar a cavalo na procissão de Corpus Christi. Mas quero uma imagem grande, com o tamanho natural de um homem.

Volta-se para José Romão, que está perto, e completa:

D. BERNARDO: Uma estátua, do tamanho, por exemplo, do José Romão. Pago-lhe, como estipêndio, três onças de ouro.

132. P.P. do Governador e do Aleijadinho.

D. Bernardo adverte autoritariamente nosso artista, que o olha com firmeza e má-vontade:

D. BERNARDO: Mas preste atenção, mestre Antônio: a obra deve ficar pronta para a procissão, sem falta, ouviu?

Aponta-lhe o dedo e completa:

D. BERNARDO: Estamos acertados, não é?!

Antônio Francisco, com olhar firme, retruca:

ANTÔNIO FRANCISCO: Estamos acertados. E quando acerto, cumpro sempre com a palavra, Governador!

Põe-se novamente de joelhos e, sem ajuda de ninguém, caminha sobre as joelheiras até a porta de saída do gabinete, passando outra vez por um José Romão desdenhoso, para quem Antônio Francisco lança um olhar perscrutante, como se quisesse fixar-lhe as feições na memória.

133. P.P. de Antônio Francisco, olhando demoradamente o arrogante ajudante de ordens do Governador.

134. P.P. de João Romão, fitando o artista com um olhar de ironia.

INTERIOR - CASA DE JOANA LOPES - DIA

135. Novamente no interior da sala da casa de Joana Lopes, enquadram-se o professor Bretas e a parteira Joana Lopes, um diante do outro.

E é Joana Lopes quem fala, em tom de voz divertido:

JOANA LOPES: Dias depois, na procissão de Corpus Christi, centenas de moradores de Vila Rica reconheceram na estátua de São Jorge, o rosto espantado do tenente José Romão.

SOM - Risos e gargalhadas em off.

JOANA LOPES: Vila Rica deu boas gargalhadas e até inventou uns versinhos:

*"O São Jorge que ali vai,
Com ares de santarrão,
Não é São Jorge nem nada,
É o tenente de Romão!"*

Bretas dá também uma gargalhada e comenta:

BRETAS: Então, dona Joana, mestre Antônio estava vingado, heim?

JOANA LOPES: Vingado! E muito bem vingado!

INTERIOR - MUSEU DA INCONFIDÊNCIA - DIA

136. Na Sala do Aleijadinho, no Museu da Inconfidência, em Ouro Preto atual, câmera enquadra a estátua de São Jorge, aproximando-se em Trav.-Avante até detalhar o rosto da famosa obra.

CORTA DIRETO PARA

INTERIOR - GABINETE DO GOVERNADOR - DIA

137. P.P. do rosto do tenente José Romão. Muito sério, em posição de sentido, o ajudante de ordens do Governador, ouve calado a irritada reprimenda de D. Bernardo de Lorena:

D. BERNARDO: Viste muitobem no que deu tua rixa disparatada com aquele pobre aleijado, não é, tenente José Romão?!...

138. Campo: D. Bernardo à esquerda do quadro, em 3/4 de perfil, com José Romão, de frente, à direita.

Pálido e intimidado, José Romão escuta a catilinária do Governador, que prossegue:

D. BERNARDO: Todo mundo em Vila Rica está a rir do tenente. E comece a preparar que vou pedir...

139. Contra-campo: O Governador à esquerda do quadro, de frente, com o tenente José Romão à direita, em 3/4 de perfil.

D. Bernardo continua, rispidamente:

D. BERNARDO (completando): ...tua transferência para outro destacamento, bem longe de Vila Rica! É só! Podes te retirar!

FADE-IN - FADE-OUT

SEQÜÊNCIA 28

INTERIOR - CASA NA CERCANIA DE VILA RICA - NOITE

140. No interior da mesma casa, na cercania de Vila Rica, palco do primeiro encontro amoroso de Helena e do tenente José Romão, o plano se abre com P.M. dos dois, conversando:

JOSÉ ROMÃO: Está tudo acertado, Helene, não há nada a temer. O sargento e o cocheiro da caleça já estão avisados, tudo correrá bem, vais ver. Não te esqueças: apanhas a condução na curva do Calombo. Estejas lá antes das sete da manhã. É muito importante não te atrasares. Vais conhecer o Rio de Janeiro, que tem lindas praias, belos passeios. Cidade linda!

HELENA: Mais bonita do que Vila Rica?

JOSÉ ROMÃO: Muito, muitíssimo mais!

141. Percebe-se em Helena um certo constrangimento, como se estivesse consciente da sórdida traição que faz a Antônio Francisco.

Helena caminha alguns passos e vai sentar-se na cama e, sem fitar diretamente o amante, comenta:

HELENA: Sinto muita pena de Antônio Francisco, coitado...Sei que é uma loucura o que vou fazer... que estou fazendo... Mas não tinha outro jeito...

José Romão se aproxima e, de pé, diante dela, comenta:

JOSÉ ROMÃO: Viver com aquele horror de gente é impossível, Helena! Ele provoca medo!

HELENA: Não suportava mais ver o que aquela doença terrível fez do coitado. Ficou um monstro!

José Romão senta-se ao lado de Helena, abraça-a e, já excitado, pergunta:

JOSÉ ROMÃO: E tu, Helena, tens medo de mim? Sou feio como ele?...

Helena abraça-o, excitadamente, e responde; *com certa ironia:*

HELENA : Até que ocê é bem apanhado, *Ze* Romão.
E tem uma boca gostosa...

JOSE ROMÃO: Só a boca?...

Helena então completa, lasciva:

HELENA: O resto também...

Ze Romão despe e obriga Helena a deitar-se. Depois a beija, excitadíssimo, dos pés à cabeça.

SEQÜÊNCIA 29.

INTERIOR - NAVE CENTRAL DA IGREJA DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS - DIA

142. Tomadas seletivas da abóbada da igreja de São Francisco de Assis, mostrando detalhes das pinturas de Manoel da Costa Ataíde.

SOM - Música religiosa de órgão.

Ouve-se, com a música indo para bg, a voz off do Aleijadinho:

ANTÔNIO FRANCISCO LISBOA (voz off, com efeito especial de eco): Está ficando muito bonita a pintura da abóbada, Manoel. Sua decisão de retratar a Virgem e os anjos como mestiços tem minha total aprovação.

143. Câmera, novamente instalada em grua, sobe rapidamente e vai enquadrar, em posição especial de contra-plongée, as pinturas na abóbada da igreja, enquadra Antônio Francisco e o pintor Ataíde, em off, comentam:

ATAÍDE (voz off) : Acho que vai provocar falatório e preconceito das pessoas, Antônio Francisco...

ANTÔNIO FRANCISCO (voz off): Não se preocupe com isto, Manoel! Virgem Maria, Mãe de Deus, não é também a mãe dos negros e dos mestiços? Por quê não pode ser pintada como mestiça?...

SOM: Sobe, expressiva, música de órgão.

F U S Ã O

SEQÜÊNCIA 30

INTERIOR -CASA DE ANTÔNIO FRANCISCO - NOITE

144. Antônio Francisco entra em sua casa às escuras, com as botas de cano alto, que lhe permitem caminhar, embora com grande dificuldade.

Enquanto anda, o operador de câmera segue-o com a steadycam, ouvindo-se AF chamar:

ANTÔNIO FRANCISCO: Helena, Helena!

SOM - Música pressagiosa.

Chegando ao quarto de dormir, sempre seguido pelo steadycam, AF vai ao berço do filho, naturalmente vazio.

Ouve um ruído e se volta para a porta, avistando sua mãe, Isabel, que o fita com profundo pesar, sem nada dizer.

Antônio Francisco, compreende tudo e indaga:

ANTÔNIO FRANCISCO: Ela se foi, não é, mãe?
Levou o Manuelzinho?

Isabel, ainda parada à porta, responde:

ISABEL: Aquela diaba levou o menino pra casa da mãe!

SOM - Música com acentos muito tristes.

145. P.P. de Antônio Francisco, atônito e imóvel por alguns instantes. Depois, seguido pela câmera em Pan-E-D, caminha alguns passos e vai sentar-se, com dificuldade, na velha cadeira de balanço austríaca.

Sobre uma mesinha, ao lado, uma grande Bíblia fechada, alguns esboços de desenho e croquis.

AF acende o lampião, utilizando uma caixa de fósforos de época.

146. Em vez do quarto na obscuridade, agora se vê, em P.M., o cômodo iluminado pela luz do dia.

Antônio Francisco volta a vista para uma cadeira de palhinha, onde Helena costumava sentar-se para ouvir o companheiro.

147. Através de EFEITO ESPECIAL fotográfico, câmera mostra, em P.A., a figura difusa, meio distorcida, de Helena, vestida com a camisola de dormir, sentada na cadeira de palhinha, fitando-o sorridente.

SOM - Na trilha sonora sobe música triste em seus acordes finais.

Logo em seguida, a imagem se desvanece, voltando AF a enxergar a cadeira vazia.

F A D E L E N T O

SEQÜÊNCIA 31

INTERIOR - IGREJA DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS - DIA

148. P.M. da sacristia da igreja de São Francisco de Assis.

O Aleijadinho se prepara para reiniciar o trabalho no lavabo da igreja franciscana. Maurício e Agostinho estão acabando de amarrar o formão na mão esquerda do escultor, que comenta, após câmera, em Trav.-Avante, enquadrá-lo em P.P.:

ANTÔNIO FRANCISCO: As dores voltaram mais fortes nos dedos dos pés. Está ficando difícil suportar..

AGOSTINHO: Em que pé, mestre Antônio?

ANTÔNIO FRANCISCO: Nos dois. Dor cada vez

*Esta sempre
sendo refri-
do Agostinho
como o escultor
no momento
gado. No entanto
64to, este foi o
supra de Maur-
ício.*

mais violenta, como se os pés recebessem pancadas com uma marreta.

149. P.A. de Maurício, Agostinho e o Aleijadinho. Maurício fixa com as tiras de couro o formão na mão direita do artista.

150. DETALHE da amarração do instrumento de esculpir.

151. P.P. do Aleijadinho dando as primeiras pancadas da marreta no formão, arrancando lascas de pedra-sabão.

SOM - Ruídos dos instrumentos.

Nosso artista, embora sentindo fortes dores, tenta continuar o trabalho de esculpir na pedra.

Câmera aproxima-se dele, em Trav-Avante, até P.P.P., no instante em que seu rosto é percorrido por um ricto de fortíssima dor, levando-o a soltar profundo gemido, com seus lábios estremecendo.

SOM - Música dramática.

152. DETALHE da imagem esculpida de São Francisco de Assis

153. O que se verá, neste plano, é profundamente dramático e doloroso.

O Aleijadinho, enquadrado em P.A., com Agostinho em segundo plano, abaixa-se, solta o couro que recobre um dos pés, coloca o formão sobre um dos dedos e, diante da estupefação dos ajudantes, que nada podem fazer, aplica violenta pancada da marreta no formão.

SOM - Ausência de música e ruído de forte pancada de marreta no formão.

O dedo (artificial, naturalmente), voa longe, envolto em sangue.

154. P.P.P. do rosto do Aleijadinho: uma pungente máscara de sofrimento atroz.

155. P.A. de Agostinho que, imediatamente, rasga sua camisa e, com o pedaço de pano ordinário, envolve o pé de seu mestre e amigo.

156. P.M. da sacristia.

Antônio Francisco aguarda um instante e recomeça a trabalhar. Os ajudantes o encaram com dó, mas voltam a seus afazeres, debastando um bloco de pedra-sabão.

SOM - Ruídos dos instrumentos ferindo a pedra.

157. P.P. de Agostinho, o mais velho dos ajudantes do Aleijadinho, trabalhando em silêncio.

De seu rosto, coberto de suor, escorrem lágrimas que vão molhar o bloco de pedra-sabão.

FADE-IN - FADE-OUT

SEQÜÊNCIA 32

EXTERIOR - LARGO DE SÃO FRANCISCO - NOITE

158. Instalada na grua, em sua posição mais alta, próxima à igreja de São Francisco, câmera enquadra em P.G., parte do Largo de São Francisco de Assis. Poucas pessoas se encontram no logradouro.

Subitamente, descendo pela Rua Cláudio Manoel, surge uma tropa a cavalo, bem municiada, e atravessa a galope a praça, enquanto um pelotão, a pé e bem armado, chega, em marcha forçada, pela escadaria da rua ao lado da Pousada do Mondego e desce pela Rua das Mercês.

SOM - Música dramática e ruídos de tropa, a pé e a cavalo, se movimentando.

A grua, sobre trilhos, recua, sobe mais e vai enquadrar o medalhão da portada da Igreja de São Francisco, obra belíssima do Aleijadinho.

INTERIOR - CASA DE ANTÔNIO FRANCISCO - NOITE

159. DETALHE da mão de Agostinho batendo repetidas vezes na porta da casa de Antônio Francisco Lisboa.

SOM - Música dramática vai para bg. Sobem batidas na porta.

160. P.A. da porta que se abre, surgindo, meio espantado, o Aleijadinho, em traje de dormir, perguntando:

ANTÔNIO FRANCISCO: Agostinho?! O que houve, meu velho, a esta hora da noite?!

Agostinho, meio encabulado e, mais ainda, perturbado por alguma coisa muito séria, responde:

AGOSTINHO: Me perdoa, mestre Antônio, mas coisa séria está acontecendo na Vila!

ANTÔNIO FRANCISCO: Coisa séria?! Entre, entre logo, Agostinho. Não fique parado aí!

Os dois entram. A porta se fecha.

INTERIOR - CASA DE ANTÔNIO FRANCISCO - NOITE

161. Chegando à sala, o Aleijadinho, focalizado em P.A., senta-se numa cadeira, enquanto o Agostinho, de pé, diante dele, explica, com voz emocionada:

AGOSTINHO: Prenderam o Desembargador Tomaz Antônio, o Avarenga Peixoto, o Coronel Freire de Andrade, o Alferes Joaquim José, Padre Rolim, doutor Cláudio Manoel...

ANTÔNIO FRANCISCO: Deus do céu! O Doutor Cláudio Manoel também, Agostinho?!

AGOSTINHO: Também, mestre Antônio, ele e muitos outros! Estavam conspirando contra Portugal, levantando o povo, a tropa, voscê sabe! E foi o maldito do Joaquim Silvério que denunciou a revolta ao Visconde de Barbacena!

161. P.P. do Aleijadinho, profundamente abalado, murmurando:

ANTÔNIO FRANCISCO: Não pode ser, não pode ser, Agostinho!

Depois se levanta e pergunta ao ajudando, em off:

ANTÔNIO FRANCISCO: E pra onde levaram o doutor Cláudio?...

162. Em novo enquadramento, câmera focaliza o Aleijadinho e Agostinho em P.A., de perfil, um diante do outro.

AGOSTINHO: Fiquei sabendo que foi aferrolhado num segredo que o Governador mandou fazer na Casa Real do Contrato...

ANTÔNIO FRANCISCO: Que desgraça, meu Deus, que desgraça!

Os dois ficam ficam alguns instantes em silêncio. Depois o Aleijadinho se decide e pede ao Agostinho:

ANTÔNIO FRANCISCO: Agostinho, vá depressa chamar o Januário e o Maurício, pra me levarem à Casa Real. Vou me vestir, e espero vocês.

EXTERIOR - PORTAL DE ENTRADA DA CASA REAL - NOITE

163. Focaliza-se em P.M. o bangüê do Aleijadinho, carregado por Agostinho, Januário e Maurício, chegando diante da grande porta de entrada da Casa Real do Contrato das Entradas de Vila Rica (atual Casa dos Contos).

A porta está fechada. Januário bate nela, uma, duas, três vezes.

SOM - Batidas na porta.

Pouco depois ela se abre, surgindo um soldado da guarda, sujeito malencarado, que vai perguntando com má vontade:

GUARDA: Que é isto?! O que querem aqui?!

164. P.A., favorecendo Januário que se aproxima do guarda, e informa:

JANUÁRIO: Mestre Antônio Francisco Lisboa está aqui, e deseja visitar o doutor Cláudio Manoel da Costa.

165. P.P. do guarda, carrancudo, falando grosso:

GUARDA: Visitar o preso?! Que destempero! Não pode entrar! É proibido! Vão, vão se afastando daqui!

Neste momento, vindo do interior da Casa Real, surge a figura imponente do ajudante de ordens do Governador, Antônio Xavier de Resende.

Câmera recua, em travelling, abrindo o quadro até P.M. vendo-se o Aleijadinho, que Maurício e Agostinho retiraram do bangüê, aproximando-se da porta. Avistando o ajudante de ordens, que ele conhece, esclarece:

ANTÔNIO FRANCISCO: Tenente Antônio Xavier, sou o Antônio Francisco Lisboa, e venho pedir a vosmicê que me permita visitar meu amigo doutor Cláudio Manoel da Costa, que está preso aqui.

O ajudante de ordens diz autoritariamente ao guarda, que bloqueia a porta de entrada:

TENENTE XAVIER: Afaste-se, Luiz!

Ultrapassa o limiar da grande porta de entrada e, aproximando-se do Aleijadinho, lhe fala com cordialidade:

TENENTE XAVIER: Não é permitido entrar, mestre Antônio, mas vou abrir uma exceção, pois admiro muito seu trabalho. Pode entrar, mas sozinho.

ANTÔNIO FRANCISCO: Não posso andar direito, Tenente Antônio. Peço a vosmicê que permita a meus ajudante me transportarem até o lugar onde o doutor Cláudio está preso.

TENENTE XAVIER: Está bem. Mas não pode demorar muito.

CORTA PARA

INTERIOR - MASMORRA DE CLÁUDIO MANOEL DA COSTA -
NOITE

166. O Aleijadinho acaba de ser deixado na masmorra onde se encontra preso Cláudio Manoel da Costa.

O que a objetiva irá registrar serão imagens tristes e lamentáveis.

O grande poeta, a mais destacada figura social e cultural de Vila Rica está sentado num banco de madeira, os pés acorrentados, cabisbaixo, profundamente deprimido.

Quando avista o Aleijadinho, não esconde a surpresa, a emoção e uma alegria que lhe transfiguram a fisionomia e o fazem levantar-se, exclamando:

CLÁUDIO MANOEL: Vosmicê aqui, mestre Antônio? Viu que miséria, meu amigo?

ANTÔNIO FRANCISCO: Não posso acreditar, doutor Cláudio, vendo o senhor neste lugar! Que desgraça, Deus do céu, que infelicidade!

167. Câmera, "ad libido", documenta, o mais detalhado e expressivamente possível, o encontro emocionante do Aleijadinho com seu grande amigo e protetor.

A certa altura, sentam-se um diante do outro, e conversam em tom de voz amargurado:

CLÁUDIO MANOEL: Aconteceu, mestre Antônio, aconteceu! O Joaquim Silvério traiu! Estamos perdidos, Tomaz Antônio, Alvarenga, o Alferes, o Maciel, Freire de Andrade, todos nós, todos nós!

ANTÔNIO FRANCISCO: Mas não podem fazer isto, doutor Claudio, não podem! São beneméritos de Vila Rica, do Brasil!

CLÁUDIO MANOEL: Mas fizeram, mestre Antônio Francisco! Fizeram, e com brutalidade!

Olha dramaticamente para Antônio Francisco e exclama:

CLÁUDIO MANOEL: Penso muito em minha mãe, minha pobre mãe!

ANTÔNIO FRANCISCO: Imagino o sofrimento de dona Teresa!...

CLÁUDIO MANOEL: Vá visitá-la, mestre Antônio. Diga-lhe, por favor, que estou bem. E que reze muito por mim!...

Neste instante chega à cela o ajudante de ordens que adverte a Antônio Francisco:

TENENTE XAVIER: Mestre Antônio, não pode mais ficar neste local. Deve partir.

Antônio Francisco levanta-se com dificuldade. Antes de sair, no entanto, apanha a mão de Cláudio Manoel e, ~~em gesto que o emociona, beija-a, dizendo,~~ ^{segura-a} comovidamente:

ANTÔNIO FRANCISCO: Adeus, doutor Cláudio. Que Deus o proteja!

E sai com os olhos marejados de lágrimas.

FADE-IN - FADE-OUT

SEQÜÊNCIA 33

INTERIOR - CASA DE JOANA LOPES - DIA

168. De volta à modesta residência da parteira Joana Lopes, câmera focaliza a nora do Aleijadinho em P.P., fitando o professor, fora de quadro, e dizendo, com melancolia:

JOANA LOPES: Este encontro com o doutor Cláudio Manoel deixou acabrunhado meu finado sogro.

169. Deixando Joana Lopes à esquerda do quadro, em 3/4 de perfil, câmera enquadra Bretas de frente, ligeiramente à direita.

Bretas, que a ouve atentamente, comenta com tristeza:

BRETAS: Imagino como deve ter sido triste a ida de mestre Antônio àquela prisão. A senhora sabe dizer se ele, mais tarde, comentou alguma coisa sobre os outros conjurados presos?

170. Contra-campo: Bretas, à direita, em 3/4 de perfil, Joana Lopes de frente, à esquerda, respondendo:

JOANA LOPES: No dia seguinte àquele triste visita, foi à casa de dona Teresa Alvarenga, mas não esteve com ela, que estava doente, abatidíssima, coitada! Depois ficou sabendo da ida dos outros presos para o Rio de Janeiro.

171. P.P. do professor Bretas, indagando:

BRETAS: E o doutor Cláudio, dona Joana, a senhora ficou sabendo como morreu? Ele se enforcou mesmo naquela masmorra?

172. P.P. de Joana Lopes:

JOANA LOPES: Ficou tudo muito misterioso, siô Bretas. Andaram dizendo que ele não se enforcou, era muito religioso, nunca faria isto!

173. P.P. de Bretas, querendo saber:

BRETAS: Então foi assassinado?!

22091

174. (Como no plano 170). Joana responde:

JOANA LOPES: Correu a notícia de que o doutor Cláudio ficou apavorado, acusou amigos, envolveu gente poderosa nos interrogatórios, como o contratador João Rodrigues de Macedo, homem muito rico que, com medo de ser denunciado, pagou bom dinheiro pra matarem doutor Cláudio na prisão.

INTERIOR - CASA REAL - NOITE

175. No pátio de entrada da Casa Real do Contrato (atual Casa dos Contos) um vulto, visto de costas, sem identificar-se, aproxima-se dos dois guardas, vistos anteriormente, fala-lhes em voz baixa e inaudível, passa-lhes um embrulho e depois se afasta.

SOM: Música com acordes dramáticos de suspense.

Os dois guardas se afastam, na direção da masmorra onde está preso Cláudio Manoel da Costa.

176. Diante da masmorra, os dois guardas, um deles trazendo uma corda, enquadra-se em P.A., abrem com uma grande chave a porta da cela e entram.

INTERIOR - MASMORRA DA CASA REAL -NOITE

177. Em "raccord" de movimento, os dois guardas, agora no interior da cela, fecham a porta, que range nos velhos ferrolhos, e se aproximam de Cláudio Manoel, deitado sobre um catre imundo.

O prisioneiro acorda, com o barulho da porta, abre os olhos e, antes que faça alguma coisa, é violentamente agarrado pelos homens que, rapidamente, colocam-lhe a corda no pescoço e a apertam com força.

SOM - Gemidos e sons guturais de alguém sendo enforcado.

A cena brutal e dramática, captada pela câmera em planos de documentação, provoca no infeliz convulsões e esforços desesperados para livrar-se do estrangulamento.

Inutilmente, no entanto, pois os dois homens, muito fortes, apertam-lhe cada vez com mais força a corda no pescoço.

O rosto de Cláudio Manoel cobre-se de vermelhidão e suas forças se exaurem no enforcamento selvagem. Depois morre.

Os dois guardas, em seguida, erguem o corpo do chão e amarram a corda numa viga de madeira no alto da cela, com todos os cuidados para que se acredite em suicídio.

Em seguida, antes de se retirarem, derrubam uma banquetta no chão, debaixo dos pés de Cláudio Manoel, cujo cadáver balança sinistramente, até ficar imóvel.

Depois os assassinos se afastam, abrem a porta, saem e, novamente, a fecham.

SOM - Ruídos da porta rangendo.

FADE-IN - FADE-OUT

SEQÜÊNCIA 34

INTERIOR - IGREJA DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS - DIA

178. Nova série de planos de cobertura, mostrando o Aleijadinho, agora bastante envelhecido e deformado pela moléstia, trabalhando com grande afínco no interior da igreja de São Francisco de Assis.

SOM - Música sacra (Lobo de Mesquita).

Uma dessas "tomadas" (P.M. em "contre-plongée"), mostra o artista atingindo o alto de um andaime e ajeitando o toldo para que não seja visto por quem ousasse entrar no templo praticamente concluído.

INTERIOR - SACRISTIA DA IGREJA DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS - DIA

179. Estamos agora na sacristia, totalmente acabada, do templo dedicado ao santo "povarello", fixada em P.G.

Vêm-se o Aleijadinho e Maurício na companhia de dois padres integrantes da ordem religiosa do Santuário de Nossa Senhora do Bom Jesus de Matosinhos, de Congonhas do Campo, além do administrador daquela igreja.

O grupo está distribuído pelas diversas cadeiras de espaldar alto, bem lavradas, em torno de uma ampla mesa de jacarandá.

O Aleijadinho está lendo um contrato para a realização de serviços no referido santuário. Segura o papel com os dois dedos sádios da mão direita, com os demais dedos bastante atrofiados.

Na trilha sonora, sobrepondo-se a essas imagens, ouve-se a voz off do historiador Rodrigo Bretas, seguida da parteira Joana Lopes:

BRETAS (voz off): A senhora se lembra, dona Joana, quando exatamente mestre Antônio Francisco viajou para Congonhas do Campo, contratado por Vicente Freire de Andrade, para esculpir os doze profetas e as sessenta e seis figuras em madeira dos Passos da Paixão?

JOANA LOPES: Deixa eu ver...acho que foi quando

meu sogro contava pra mais de sessenta anos...É sim, agora tenho certeza, o ano era 1796, por aí...

180. Com imagens ainda captadas na sacristia da igreja de São Francisco de Assis, câmara enquadra o Aleijadinho e o administrador Vicente Freire de Andrade em P.A., no instante em que este lhe fala:

VICENTE FREIRE DE ANDRADE: Vosmecê, mestre Antônio, receberá boa paga pela feitura da encomenda dos profetas e dos Passos. Está no contrato.

ANTÔNIO FRANCISCO: Estou lendo: 395 oitavas, três quartos e quatro vinténs de ouro pela factura das 66 imagens para os Passos do Senhor, e 221 oitavas e dois vinténs de ouro pela factura dos doze Profetas de pedra-sabão, paga para mim e os oficiais que comigo trabalham, Maurício, Januário e Agostinho.

Volta-se para o contratante, Vicente Freire de Andrade e completa, peremptório:

ANTÔNIO FRANCISCO: Rogo também a vosmecê que inclua no contrato o nome do Manoel da Costa Ataíde, que deve conhecer bem, para encarnar as imagens dos Passos da Paixão.

VICENTE FREIRE DE ANDRADE: Perfeitamente, mestre Antônio Francisco, sem dúvida alguma! Vou incluir os nomes agora mesmo.

JOANA LOPES (*voz off*): Meu sogro, com o corpo muito atingido pela doença, trabalhou em Congonhas de 1796 a 1805, e foi muito ajudado pelos três velhos amigos e auxiliares. Quando viajou de Vila Rica para Congonhas do Campo estava triste, sofrendo muito com a doença e a fuga de Helena.

EXTERIOR - CASA DE ANTÔNIO FRANCISCO EM VILA RICA - DIA

181. Uma pequena multidão se aglomera diante da casa do Aleijadinho, em Vila Rica.

E o grande artista, chegando do interior de sua casa, aparece, carregado por Agostinho e Januário, com Maurício ao lado (P.M. dos quatro e dos curiosos).

Antônio Francisco veste o velho casacão escuro e tem um chapelão tombado sobre a cabeça, o que não impede os curiosos de verem o rosto muito inchado do artista, os olhos quase encobertos pelas grossas pálpebras. Suas mãos estão com os dedos muito tortos e inutilizados, escondidos nos largos bolsos do casacão.

SOM - Música triste e murmúrios.

AF é colocado no interior da carruagem, pertencente à Congregação do Santuário de Congonhas. Maurício e Januário vão se colocar ao lado do cocheiro, enquanto Agostinho vai sentar-se ao lado do velho mestre.

SOM - Música desaparece, substituída por vozes off de despedida:
"Boa viagem, mestre Antônio Francisco!" - "Boa viagem, Aleijadinho!" - "Vai com Deus!"

182. Em novo enquadramento, câmera focaliza a caleche, seguida em Pan, se afastando na rua calçada de pedras irregulares.

SOM - Ruído do veículo rodando no calçamento de pedra.

F U S ã O

SEQÜÊNCIA 35

EXTERIOR - PRACINHA PRÓXIMA DO SANTUÁRIO - CONGONHAS - DIA

183. P.G. de uma pequena multidão de habitantes de Congonha de Campos, reunidos diante da casa ocupada pelo Aleijadinho e seus ajudantes.

Um dos curiosos grita o nome do artista, desejando vê-lo à janela:

POPULAR : "Aleijadinho!" Mestre Aleijadinho!"

184. Câmera, na grua, enquadra do alto, em P.G., o Aleijadinho que, a contragosto, surge na janela da pousada, com toda sua horrível figura.

SOM - Ouve-se, off, um murmúrio mais de susto do que de admiração.

185. P.G. (ponto de vista do Aleijadinho) do ajuntamento de curiosos diante da casa onde o grande artista se hospeda. Ainda se ouve murmúrio de espanto, substituído depois por um silêncio compungido.

186. P.G. de parte da multidão e, ao fundo, ainda na janela, o Aleijadinho, que encara tristemente os curiosos e, logo em seguida, fecha a janela e desaparece. A multidão, silenciosamente, começa a afastar-se da pracinha.

F U S Ã O

SEQÜÊNCIA 36

INTERIOR - ESTÚDIO EM CONGONHAS - DIA

187. Nova série de planos documenta Antônio Francisco trabalhando num estúdio improvisado (a ser construído em Ouro Preto), instalado numa espécie de telheiro (alpendre com cobertura de telha-vã), auxiliado por seus três artífices, além de outros ajudantes recrutados na cidade.

Uma réplica de um dos profetas pode ser vista, enquanto o escultor trabalha na cabeça de outro profeta em pedra-sabão (atenção cenografia: preparar réplicas).

SOM - Música religiosa.

EXTERIOR - PRAÇA DEFRENTE DO SANTUÁRIO - DIA

188. *Séries de flashes da esplanada do Santuário de Nossa Senhora do Bom Jesus do Matosinhos, registrados através de sucessivas FUSÕES, para documentar, graças a trucagens, a feitura dos doze profetas em seus pedestais.*

As grandes imagens em pedra-sabão deverão surgir uma a uma, diante do adro monumental do templo.

SOM - Música expressiva.

EXTERIOR E INTERIOR - CAPELINHA COM AS IMAGENS DA SANTA CEIA - DIA

189. P. G. da capelinha onde está exposto o Grande Passo da Santa Ceia, uma das maiores obras do Aleijadinho no terreno da escultura.

Vêm-se Agostinho e Maurício, o primeiro ajudando a levar para o interior da construção a imagem, em tamanho natural, de um dos apóstolos, esculpido na oficina de Antônio Francisco, em Congonhas do Campo.

SOM - Música sugestiva, a princípio, e depois dramática.

De repente, Agostinho, o mais velho dos auxiliares, cambaleia e solta um fundo gemido, apertando o peito com as mãos (P.P.).

Maurício apanha a pesada imagem em madeira e a coloca no interior da capelinha. E volta depressa ao exterior, avistando o Aleijadinho que ampara nos braços o velho amigo e auxiliar.

Pressentindo que Agostinho está morrendo, Antônio Francisco lhe faz o sinal da cruz na fronte e, em silêncio, seguido por Maurício e Januário, reza uma prece.

Agostinho fita Antônio Francisco, Januário e Maurício, como a despedir-se. Depois tomba a cabeça nos braços do Aleijadinho, morrendo.

No enquadramento inclui-se, ao fundo, e à direita, a imagem do Cristo com a coroa de espinhos na cabeça, uma das mais belas obras do Aleijadinho.

SOM - Bater triste de sino.

FADE LENTO

SEQÜÊNCIA 37

INTERIOR - SÍTIO DE JOANA LOPES - DIA

190. De volta à sala da casa da parteira Joana Lopes, câmera detalha a mão direita do historiador Rodrigo Bretas depositando o caderno de anotações sobre a mesinha ao lado, dizendo, a princípio em voz off:

BRETAS (voz off): Creio que os últimos trabalhos do Aleijadinho foram em um dos altares da igreja de Nossa Senhora do Carmo...

191. Câmera recua, em Trav., abre o quadro e enquadra Joana Lopes em 3/4 de perfil, com Rodrigo Bretas de frente, continuando a dizer:

BRETAS (continuando): ...além dos riscos para o frontispício da matriz de Santo Antônio, em Tiradentes, antiga São José del Rei. A senhora confirma essas informações, dona Joana?

JOANA LOPES: Estou muito esquecida de tudo, siô Bretas, mas acho que está certo.

192. Em contra-campo, câmera focaliza Joana Lopes de frente, ligeiramente à esquerda, com Bretas à direita, em 3/4 de perfil.

Joana continua:

JOANA LOPES: Meu sogro já andava pelos setenta e muitos anos, e fazia grande sacrifício para subir nos andaimes da capela.

BRETAS: E o filho, dona Joana, o Manoel Francisco, por onde andava?

JOANA LOPES: Aprendeu o ofício de carpinteiro e morava com o pai numa casinha perto da igreja, jogado num quarto pequenino, escuro e quase sem ventilação.

193. P.M. da sala, no instante em que Joana Lopes se levanta e vai à cozinha, enquanto o professor aproveita para fazer anotações no caderninho.

Pouco depois a parteira retorna com uma cafeteira e uma cesta com pãozinhos de queijo. Aproxima-se do visitante e lhe diz, enquanto enche de café as duas canecas de latão:

JOANA LOPES: Sirva-se, siô Bretas. Tá tudoquentinho.

A matriz de Santo Antônio, em Tiradentes, e a anterior. Nela trabalharam artistas portugueses.

Como morava com o pai, se João em se quida, vai dizer que ele e Joana trabalharam o Aleijadinho para a casa deles? O Aleijadinho ficou sem remédio, por que o escravo esqueceu de atendê-lo. O texto diz, portanto, que o escravo morava com o escravo.

Caminha de volta ao lugar onde se encontrava, bebe um gole de café e depois continua:

JOANA LOPES: Andava muito ranzinza, reclamando de tudo. Me alembro que ele disse, muito brabo, que tinha recebido uma paga em ouro falso. Ficou também muito zangado com o Januário que foi passar o Natal no Alto da Cruz e se esqueceu de dar os remédios que devia de tomar.

194. P.P. de Joana Lopes, prosseguindo:

JOANA LOPES: A falta dos remédios fez meu sogro perder quase que inteiramente a visão. Foi aí que o filho e eu trouxemos ele pra nossa casa.

INTERIOR - QUARTO DA CASA DE JOANA LOPES - NOITE

195. Enquadra-se agora o Aleijadinho estendido nas tábuas de um catre humilde, coberto apenas por uma colcha sertaneja.

Ao lado uma mesinha com uma vela acesa, a imagem de Nossa Senhora da Coinceição e uma Bíblia.

Joana, no flashback, é agora uma mulher forte, de seus quarenta anos, sentada na beirada da cama estreita, servindo uma colher de sopa ao Aleijadinho, que engole com dificuldade o alimento.

SOM - Música dramática.

Sobre essas imagens volta a ouvir-se a voz off da parteira:

JOANA LOPES (voz off): Ele piorava dia a dia. Não enxergava quase nada, e não queria nenhum colchão sobre a tábua.

196. Em noivo enquadramento, câmera, colocada atrás do catre, em baixa posição, focaliza o Aleijadinho à direita, de perfil. Ao fundo, mais para a esquerda, fixado na parede de taipa, um velho crucifixo de madeira, defronte da cama estreita.

Antônio Francisco tem os olhos empapuçados fixados no crucifixo. De repente, sentindo uma forte dor, começa a gemer, angustiado.

SOM - Gemidos de dor e revolta.

Inesperadamente, desesperado com as dores que o dilaceram, Antônio Francisco suplica, quase gritando, olhando na direção do crucifixo talhado na madeira:

ANTÔNIO FRANCISCO: Jesus, Jesus, tem piedade de mim! Jesus, tem compaixão, me leve daqui, me leve, pelo amor de Deus!

197. P.P. do Aleijadinho, no mais atroz desespero, grita mais alto:

ANTÔNIO FRANCISCO: Me leve, Jesus, tem piedade de mim! Me leve, me leve, Jesus!

Pouco a pouco, no entanto, seus olhos coléricos, molhados de lágrimas, vão adquirindo uma doçura inesperada, como se o remorso e a fé os enternecessem.

Diz, então, como numa prece dolorosa:

ANTÔNIO FRANCISCO: Jesus, Senhor Jesus, põe seus divinos pés sobre mim!...

E fecha os olhos, enquanto as lágrimas lhe descem pelo rosto deformado.

INTERIOR - LOCAIS DIVERSOS COM OBRAS DO ALEIJADINHO - DIA

198. Uma nova série de planos, sucedendo imediatamente ao primeiro-plano do rosto do Aleijadinho banhado em lágrimas, será registrada em diferentes locais onde estão expostas algumas das imagens mais belas de Antônio Francisco Lisboa, com prioridade para esculturas de Cristo flagelado, guardadas no Museu da Inconfidência, no Museu Arquidiocesano de Mariana e em algumas das igrejas onde trabalhou.

SOM - Música triste, talvez de órgão.

FADE-IN - FADE OUT

SEQÜÊNCIA 38

EXTERIOR - CASA DE ANTÔNIO FRANCISCO - DIA

199. Perto da porta de entrada da modesta casa do Aleijadinho, câmara focaliza uma pequena multidão de amigos e admiradores do grande artista, que vive seus últimos momentos.

Conversam em voz baixa e, vendo chegar do interior, um padre paramentado para a Extrema Unção, afastam-se, dando-lhe passagem.

Um dos moradores pergunta, respeitosamente, ao sacerdote:

MORADOR: Morreu, padre Arnaldo?

PADRE ARNALDO: Ainda não. Reze por ele, meu filho.

E se afasta.

SOM - Sino de igreja, distante.

200. Mudando a angulação, câmara focaliza em P.M. os populares e, aproximando-se vagarosamente da casa, Helena, a antiga mulher do Aleijadinho. Algumas pessoas, reconhecendo-a, voltam-se para ela, surpreendidas.

201. P.A. de Helena, que pára por alguns instantes, hesitando entre voltar ou entrar na casa.

Câmera inicia lento Trav-Avante, até fixá-la em P.P.P., mostrando o rosto bastante envelhecido, cortado por rugas, os cabelos inteiramente brancos revelando uma mulher triste e sofrida.

Helena, finalmente, se decide e caminha na direção da casa.

202. "Raccord" de movimento de Helena que, enquadrada em P.A., passa por entre os populares, que a olham espantados, e penetra na casa pela porta de entrada.

INTERIOR - SALA DA CASA DE ANTÔNIO FRANCISCO - DIA

203. Instalada agora na sala da casa de Antônio Francisco, câmara focaliza Helena que, cruzando a porta de entrada, pára, hesitante, ao avistar várias pes-

soas, inclusive Januário, Maurício e o filho, Manoel Francisco, que ela reconhece, empalidecendo.

SOM - Murmúrios que cessam com a chegada de Helena.

204. P.P. de Manoel Francisco, filho de Helena e do Aleijadinho, muito sur-
preendido com a aparição da mãe. Não vai, contudo, ao seu encontro, preferin-
do abrir a porta do quarto onde o Aleijadinho se encontra (câmera segue-o em
Panorâmica).

205. P.M. da sala, centralizando-se na porta do quarto do Aleijadinho.
A porta se abre, surgindo Joana Lopes, seguida por Manoel Francisco.
Joana Lopes se encaminha, com o semblante grave, na direção de Hel
que, parada junto à porta de entrada, espera, emocionada.

Câmera inicia lento Trav-Avante até fixar, em P.P., Joana Lopes que se aproxima e pára diante de Helena, dizendo:

JOANA LOPES: O que veio fazer aqui?! Teve a coragem?!...

Helena, humilde e fragilizada, responde, com voz suplicante:

HELENA: Pelo amor de Deus, Joana, me deixe ver o Antônio pela última vez!

Diante do olhar humilde e a súplica angustiada de Helena, Joana Lopes se comove, fica pensativa e, logo a seguir, faz um discreto sinal para ela entrar.

Helena, com olhar agradecido, encaminha-se para a porta do quarto do Aleijadinho, que ela abre cuidadosamente.

INTERIOR - QUARTO DE ANTÔNIO FRANCISCO - DIA

206. Já no quarto de Antônio Francisco, câmara, em P.A., focaliza Helena que completa o movimento de entrar no cômodo onde, no catre, ele está estendido.

A janela, ao fundo, está fechada, e somente uma vela clareia o cômodo, imerso na obscuridade.

Helena pára diante da porta, que ela deixa entreaberta, e olha fixamente na direção do catre onde jaz o Aleijadinho.

A ligação de
Antônio com He-
lôia, que ter-
iam vivido
eco-
maritalmente
e toda inven-
tada. Tudo
bem, é uma
liberdade
sur-
permi-
tida
a obra de
ficção.
em O que me
uma

termin- ficar
 -o em O que me
 parece dema-
 siado e o re-
 torno de Helena
 co. velha para reser-
 Helena antigo com-
 panheiros já
 no leito de mor-
 te. O episó-
 dio introduz
 uma nota de
 dramatismo que
 enfraquece o
 todo.
 No meu enten-
 der, o filme deve-
 ria terminar
 ver-sec, despoja-
 do de qualquer
 cenário e
 Lopes entrar.
 to do T. J. de
 sentimento
 Talismo.

207. Em novo enquadramento, câmera, em P.M., focaliza Helena, à direita do quadro, parada diante da porta e, à esquerda, Antônio Francisco Lisboa, com os lábios entreabertos, deixando passar uma respiração ofegante.

É quando, pressentindo a presença de alguém no quarto, ele move lentamente a cabeça na direção da porta.

208. P.P. do Aleijadinho, olhando na direção de Helena, em off.

É o olhar de um quase cego, distante, difuso, mas capaz de compreender que alguém, importante em sua vida, está diante dele, ativando-lhe a vida interior.

209. P.A. (ponto de vista do Aleijadinho) de Helena, sempre parada diante da porta.

A imagem, obtida através de efeito fotográfico especial, surge sem muita nitidez, distorcida, representando a visão de alguém que enxerga precariamente.

210. Em novo enquadramento, câmera focaliza Helena que avança lentamente na direção do Aleijadinho, que a contempla com olhar de profunda tristeza, forçando a atenção frágil e dolorosa que lhe desperta um imperceptível fulgor nos olhos amortecidos.

Helena chega diante do catre, ajoelha-se, estende a mão, apanha a mão esquerda do Aleijadinho, beija-a e murmura:

HELENA: Me perdoe, Antônio, me perdoe!...

Depois recoloca a mão no peito de AF, levanta-se e, com um último, profundo e enternecido olhar, deixa o quarto.

SOM - Bater distante de sino.

SEQÜÊNCIA 39

INTERIOR - SALA DA CASA DE JOANA LOPES - TARDE

211. Voltando à sala da casa de Joana Lopes, câmera focaliza ela e o professor Bretas em P.A., calados, recordando, comovidos, a agonia do Aleijadinho.

Um velho relógio de parede, fixado em uma das paredes da sala, bate as seis horas da tarde.

SOM - Relógio batendo seis horas.

A sala está meio escurecida, o que leva Joana Lopes a acender o pavio de uma velha lamparina.

O professor guarda o caderno de anotações no bolso largo do casacão, e pergunta:

BRETAS: A senhora guardou a data em que ele morreu, dona Joana?

Joana Lopes deposita a lamparina sobre uma mesinha, perto da porta, e responde:

JOANA LOPES: Guardei sim, siô Bretas, guardei na memória. Meu sogro expirou, na santa paz do Senhor, no dia 18 de novembro de 1814.

BRETAS: E ainda existe a casa onde ele morreu, dona Joana? Gostaria muito de conhecer a casa e, principalmente, o quarto onde viveu seus últimos instantes.

Joana Lopes então se levanta, apanha a lamparina e, voltando-se para o professor, lhe fala:

JOANA LOPES: Venha comigo, siô Bretas.

E o leva para o interior da casa.

SEQÜÊNCIA 40

INTERIOR - CORREDOR DA CASA DE JOANA LOPES - TARDE

212. Instalada no final do corredor da casa de Joana Lopes, câmara focaliza, em P.M., a parteira e Bretas que, vindos da sala, alcançam a parte interna que conduz a três modestos quartos de dormir, iluminada pela luz da lamparina que vai lançando sombras no chão e nas paredes.

Joana Lopes caminha à frente, seguida pelo professor, meio intrigado.

Passam diante do primeiro quarto, depois do segundo e, finalmente, alcançam o terceiro, cuja porta está fechada.

Joana Lopes retira do bolso do casaco uma grande e velha chave que enfia na fechadura e abre a porta, que range no ferrolho ao ser empurrada.

SOM - Rangido da porta se abrindo.

213. Do interior do quarto, câmara focaliza Joana e Bretas que entram, fixados em P.M.

Dona Joana, sempre trazendo a lamparina, penetra no cômodo, enquanto o professor, parado à porta, olha com surpresa e com indisfarçável emoção, o quarto que, de repente, parece reconhecer.

Depois caminha alguns metros e, com os olhos, percorre o cômodo onde, exatamente, anos atrás, morou e morreu o grande artista que ele venera.

Câmera desvenda, em planos de documentação, os velhos móveis, vistos anteriormente: o catre, no mesmo lugar, com as tábuas envelhecidas, o crucifixo pregado na parede e, mais ao fundo, diante de uma janela fechada, uma pequena mesa de trabalho.

Joana então explica, igualmente emocionada:

JOANA LOPES: Este é o quarto, e aquele é o catre onde ele morreu, siô Bretas.

Rodrigo Bretas avança alguns metros, afaga a madeira velha do catre, em compungido silêncio.

Olha, em seguida, demoradamente, como se fizesse uma prece, o velho crucifixo diante da cama do Aleijadinho

Depois circula a vista pelo cômodo humilde, e comenta, comovido, para si mesmo:

BRETAS: Meu Deus! "Tanta miséria aliada a tanta beleza e poesia!"

Depois se volta para dona Joana, que o chama:

JOANA LOPES: Venha ver isto aqui, siô Bretas.

Segue Joana Lopes até a pequena e rústica mesa, ao lado da janela. Joana abre a gaveta do móvel e explica:

JOANA LOPES: Quando ele morreu, encontrei estes papéis nesta gaveta.

Bretas apanha um maço de velhos e amarelados papéis do Aleijadinho. São recibos, desenhos, riscos, projetos de próprio punho, documentos preciosos que o deslumbram, levando-o a dizer, entusiasmado:

Acho que
deve ser
contada
a frase
entre aspas.
O expectador
está sen-
do e fazendo
referência a
comparação.
A referência
é um elemento
to que não en-
fraquece.

BRETAS: Dona Joana, estes são documentos valiosíssimos de mestre Antônio Francisco!

E continua a examiná-los, prosseguindo, euforicamente:

BRETAS: Veja só, dona Joana, aqui estão papéis de uma extraordinária importância, documentos históricos, inigualáveis, de nosso grande artista! E a senhora conservou tudo isto, graças a Deus!

Dona Joana, com toda sua humildade, aproxima-se do professor e lhe diz:

JOANA LOPES: Pode levar tudo isto, siô Bretas. Ninguém vai cuidar melhor desses papéis que o siô!

Antes de sair, Bretas ainda contempla, comovido, o cômodo humilde, como para guardá-lo na memória. Depois, seguindo dona Joana com a lamparina, enrola os documentos e deixa o quarto.

EXTERIOR - CASA DE JOANA LOPES - ANOITECER

214. P.G. da parte externa da casa no instante em que saem Bretas e Joana Lopes.

Começa a anoitecer em Ouro Preto, com o sol quase desaparecendo atrás das altas montanhas.

Antes que ele parta, Joana Lopes ainda diz:

JOANA LOPES: Fico sempre pensando se valeu a pena Antônio Francisco sofrer tanto, siô Bretas. Trabalhou tanto, deixou tanta coisa bonita, que o tempo vai acabar estragando! E daqui a um tempo ninguém vai se lembrar mais dele!

Bretas aproxima-se da parteira e contesta, com certa veemência:

BRETAS: Não diga isto, dona Joana! Ninguém vai se esquecer de Antônio Francisco Lisboa e de sua obra! São imortais, pertencem ao mundo inteiro! A senhora vai ver: muitos virão aqui para conhecer a obra maravilhosa que ele deixou!

Aproxima-se mais da parteira e completa:

BRETAS: O Aleijadinho, dona Joana, viveu uma vida de paixão, de glória e suplício. Vou escrever sobre ele. Outros, do Brasil e do estrangeiro, vão fazer o mesmo, senhora vai ver!

Comovido, Bretas aperta a mão de Joana e, num gesto inesperado que a deixa confusa, beija-lhe respeitosamente o rosto, dizendo:

BRETAS: Que Deus a abençoe e proteja, dona Joana! Adeus. E obrigado por tudo.

E se afasta na rua que, mais adiante, em declive, leva ao centro da cidade.

EXTERIOR - ALTA DA CRUZ - OURO PRETO - ANOITECER

215. O último plano do filme mostra, em G.P.G., do Alto da Cruz e, ao longe, o casario de Ouro Preto como existia no ano de 1858.

Rodrigo Bretas entra no quadro, pela esquerda, e começa a descer a rua de paralelepípedos, distanciando-se, pouco a pouco, da objetiva.

Câmera sobe, em grua, e revela o anoitecer na impressionante paisagem da antiga Vila Rica, emoldurada pelas montanhas e pelo Pico do Itacolomi.

SOM - Bater distante de alguns sinos de igrejas que, em seguida, vão para bg, subindo música expressiva para final.

Sobre esta derradeira imagem do filme, surge o primeiro letreiro do final:

ESTE FILME É DEDICADO A RENATO SANTOS PEREIRA

Em seguida sobem, lentamente, os créditos finais do filme.

Belo Horizonte, 27 de maio de 1999.


Geraldo Santos Pereira